



XI FESTIVAL DE ARTE ESPÍRITA – PESCADORES DE ALMAS

PITÁGORAS

A doutrina e a vida de Pitágoras, desde os tempos da antiguidade, jaz envolta num véu de mistério.

A força mística do grande filósofo e reformador religioso, há 2.600 anos vem, poderosamente, influenciando no pensamento Ocidental. Dentre as religiões de mistérios, de caráter iniciático, a doutrina pitagórica foi a que mais se difundiu na antiguidade.

Não consideramos apenas lenda o que se escreveu sobre essa vida maravilhosa, porque há, nessas descrições, sem dúvida, muito de histórico do que é fruto da imaginação e da cooperação ficcional dos que se dedicaram a descrever a vida do famoso filósofo de Samos.

O fato de negar-se, peremptoriamente, a historicidade de Pitágoras (como alguns o fazem), por não se ter às mãos documentação bastante, não impede que seja o pitagorismo uma realidade empolgante na história da filosofia, cuja influência atravessa os séculos até nossos dias.

Acontece com Pitágoras o que aconteceu com Shakespeare, cuja existência foi tantas vezes negada. Se não existiu Pitágoras de Samos, houve com certeza alguém que construiu essa doutrina, e que, por casualidade, chamava-se Pitágoras. Podemos assim parafrasear o que foi dito quanto a Shakespeare. Mas, pondo de lado esses escrúpulos ingênuos de certos autores, que preferem declará-lo como não existente, como se houvesse maior validade na negação da sua historicidade do que na sua afirmação, vamos a seguir relatar algo, sinteticamente, em torno dessa lenda.

Em 1917, perto de Porta Maggiore, sob os trilhos da estrada de ferro, que liga Roma a Nápoles, foi descoberta uma cripta, que se julgou a princípio fosse a porta de uma capela cristã subterrânea. Posteriormente verificou-se que se tratava de uma construção realizada nos tempos de Cláudio, por volta de 41 a 54 d.C., e que nada mais era do que um templo, onde se reuniam os membros de uma seita misteriosa, que, afinal, averigou-se ser pitagórica. Sabe-se hoje, com base histórica, que antes, já em tempos de César, proliferavam os templos pitagóricos, e se essa seita foi tão combatida, deve-se mais ao fato de ser secreta do que propriamente por suas idéias. Numa obra, hoje cara aos pitagóricos, Carcopino (*La Brasilique pythagoricienne de la Porte Majeure*) dá-nos um amplo relato desse templo. E foi inegavelmente essa descoberta tão importante que impulsionou novos estudos, que se realizaram sobre a doutrina de Pitágoras, os quais tendem a mostrar o



grande papel que exerceu na história, durante vinte e cinco séculos, essa ordem, que ainda existe e tem seus seguidores, mehora esteja, em nossos dias, como já esteve no passado, irremediavelmente infectada de idéias estranhas que, ao nosso ver, desvirtuam o pensamento genuíno de Pitágoras de Samos.

É aceito quase sem divergência por todos que se debruçaram a estudar a sua vida, que Pitágoras nasceu em Samos, entre 592 a 570 antes da nossa era; ou seja, naquele mesmo século em que surgiram tantos grandes condutores de povos e criadores de religiões, como foi Gautama Buda, Zoroastro (Zaratustra), Confúcio e Lao Tsé. Inúmeras são as divergências sobre a verdadeira nacionalidade de Pitágoras, pois uns afirmam ter sido ele de origem egípcia; outros, síria ou, ainda, natural de Tiro.

Relata a lenda que Pitágoras, cujo nome significa o *Anunciador pítico* (Pythios), era filho de Menesarco e de Partêmis, ou Pythaia. Tendo esta, certa vez, levado o filho à Pítia de Delfos, esta sacerdotiza vaticinou-lhe um grande papel, o que levou a mãe a dedicar-se com o máximo carinho à sua educação. Consta que Pitágoras, que desde criança se revelava prodigioso, teve como primeiros mestres a Hermodamas de Samos até os 18 anos, depois Ferécides de Siros, tendo sido, posteriormente, aluno de Tales, em Mileto, e ouvinte das conferências de Anaximandro.

Foi depois discípulo de Sonchi, um sacerdote egípcio, tendo, também, conhecido Zaratos, o assírio Zaratustra ou Zoroastro, em Babilônia, quando de sua estada nessa grande metrópole da antiguidade.

Conta-nos, ainda, a lenda que o hierofante Adonai aconselhou-o a ir ao Egito, recomendado ao faraó Amom, onde, afirma-se, foi iniciado nos mistérios egípcios, nos santuários de Mênfis, Dióspolis e Heliópolis. Afirma-se, ademais, que realizou um retiro no Monte Carmelo e na Caldéia, quando foi feito prisioneiro pelas tropas de Cambísis, tendo sido daí conduzido para a Babilônia. Foi em sua viagem a essa metrópole da Antiguidade, que conheceu o pensamento das antigas religiões do Oriente, e freqüentou as aulas ministradas por famosos mestres de então.

Observa-se, porém, em todas as fontes que nos relatam a vida de Pitágoras, que este realizou, em sua juventude, inúmeras viagens e peregrinações, tendo voltado para Samos já com a idade de 56 anos. Suas lições atraíram-lhe muitos discípulos, mas provocaram, também, a inimizade de Policrates, então tirano de Samos, o que fez o sábio exilar-se na Magna Grécia (Itália), onde, em Crotona, fundou o seu famoso Instituto.

Antes de sua localização na Magna Grécia, relata-se que esteve em contato com os órficos, já em decadência, no Peloponeso, tendo então conhecido a famosa sacerdotiza Teocléia de Delfos.

Mas é na Itália que desempenha um papel extraordinário, porque aí é que funda o seu famoso Instituto, o qual, combatido pelos democratas de então, foi finalmente destruído,



contando-nos a lenda que, em seu incêndio, segundo uns, pereceu Pitágoras, junto com os seus mais amados discípulos, enquanto outros afirmam que conseguiu fugir, tomando um rumo que permaneceu ignorado.

Segundo as melhores fontes, Pitágoras deve ter falecido entre 510 e 480. A sociedade pitagórica continuou após a sua morte, tendo desaparecido quando do famoso massacre de Metaponto, depois da derrota da liga crotoniata.

"Com ordem e com tempo encontra-se o segredo de fazer tudo e tudo fazer bem".
(Pitágoras)

O Pitagorismo

Durante o século VI a.C. verificou-se, em algumas regiões do mundo grego, uma revivescência da vida religiosa. Os historiadores mostram que um dos fatores concorreram para esse fenômeno foi a linha política adotada, em geral, pelos tiranos, para garantir seu papel de líderes populares e para enfraquecer a antiga aristocracia - que se supunha descendente dos deuses protetores das *polis*, das divindades "oficiais" -, os tiranos favoreciam a expansão de cultos populares ou estrangeiros.

"Ajuda teus semelhantes a levantar sua carga, mas não a carregues". (Pitágoras)

A Pátria Estelar

Dentre as religiões de mistério, de caráter iniciático, uma teve enorme difusão: o culto de Dioniso, originário da Trácia, e que passou a constituir o núcleo da religião órfica. O orfismo - de Orfeu, que primeiro teria recebido a revelação de certos mistérios e os teria confiado a iniciados sob a forma de poemas musicais - era uma religião essencialmente esotérica. Os órficos acreditavam na imortalidade da alma e na metempsicose, ou seja, na transmigração da alma através de vários corpos, a fim de efetivar sua purificação.

A alma aspiraria, por sua própria natureza, a retornar à sua pátria celeste, às estrelas, de onde caíra. Para libertar-se, porém, do ciclo das reencarnações, o homem necessitaria da ajuda de Dioniso, deus libertador que completava a libertação preparada pelas práticas catárticas (entre as quais se incluía a abstinência de certos alimentos). A religião órfica pressupunha, portanto, uma distinção - não só de natureza como também de valor - entre a alma ignea e imortal e os corpos perecíveis através dos quais ela realizava sua purificação.

"O que fala, semeia - o que escuta, recolhe". (Pitágoras)



O Orfismo e sua Importância na Filosofia Por

Carlos Antonio Fragoso Guimarães

Ao que tudo indica, Orfeu foi um poeta trácio de grande habilidade musical e um místico de grande carisma, mas cujos traços históricos estão para nós completamente perdidos, a não ser pelas lendas e mitos que nos chegaram a seu respeito, transformando-o num semideus. Já no século VI a. C. o poeta Ibico falava de "Orfeu de nome famoso", testemunhando a grande notoriedade que Orfeu usufruía em toda a cultura helênica, e que só se explica pela existência de um fundador carismático e pela difusão do seu movimento religioso. Eurípedes, Platão, Heródoto, Aristófanes e Aristóteles nos deixaram escritos sobre o orfismo, e sabemos o quanto Platão deve aos mistérios órficos em sua filosofia, especialmente no que concerne à doutrina da reencarnação. É bem provável que o homem Orfeu tenha tido uma forte influência mística na cultura grega no início do século VI a.C.



A religião pública na Grécia e os Mistérios Órficos

A religião exerceu uma profunda influência na gênese da filosofia grega, e, por conseqüência, na filosofia ocidental. Mas quando se fala da religião helênica, se faz necessário distinguir entre a *religião pública*, que teve seu modelo na representação dos deuses e do culto que foi legado por Homero, e adotada pela maioria da população pela sua simplicidade explicativa dos fenômenos naturais e humanos, antropomorfizando-os, e a chamada *religião dos mistérios*.

Apesar de serem religiões com pontos em comum, há importantes diferenças entre estas duas formas de religiosidade (como, por exemplo, a concepção de homem, do sentido da vida e o destino último da alma humana). Ambas as formas de religiosidade são fundamentais para a gênese da filosofia grega, mas a segunda forma se destaca muito mais nesta gênese que a primeira. Nem todos os gregos consideravam críveis ou aceitáveis os pressupostos da religião pública, recheada de deuses bastante humanos.

Por isso, em círculos restritos, desenvolveram-se os chamados "mistérios", com elementos da religiosidade oriental, tendo suas crenças mais logicamente enlaçadas e seus próprios rituais reconhecidamente simbólicos e com forte conteúdo arquetípico-psicológico. O orfismo é particularmente importante porque introduz na civilização grega *uma nova interpretação da existência humana* (Reale & Antiseri, 1990).

Enquanto a concepção tradicional, desde Homero, considerava o homem com uma alma desconhecida, que se perdia na região do Hades após a morte, quase como um fim total da existência humana, o orfismo proclama a imortalidade da alma, sendo esta o que dá a personalidade do homem, herdeira de uma história e de um trajeto evolutivo, sempre se aperfeiçoando nesta e em inúmeras outras vidas, até que consiga se assemelhar ao máximo a Deus.

Os principais elementos da doutrina órfica são:

- a)** No homem há um princípio divino, uma alma que caiu em um corpo para corrigir uma imperfeição.
- b)** Essa alma não só preexiste ao corpo como também sobrevive a ele, estando destinada a reencarnar em corpos sucessivos até que consiga depurar-se das imperfeições e dos erros que a fazem voltar ao mundo.
- c)** Com suas práticas e ritos simbólicos, o orfismo buscava despertar no homem a compreensão destas verdades, ajudando-o a tomar consciência do que e quem ele é, e



motivando-o a tomar ânimo para ter o total controle de sua vida, aperfeiçoando-se e pondo fim ao ciclo das reencarnações - temos aqui, de alguma forma, um eco dos ensinamentos budistas. Conhecemos algumas máximas órficas, que nos chegaram através de fragmentos encontrados em tabuinhas e em tumbas pertencentes a seguidores da doutrina.

Algumas dessas máximas resumem muito bem o núcleo central de sua doutrina:

Alegre-te, tu que sofreste a paixão: antes, desconhecias o que era o sofrimento. De homem, nasceste Deus!"

"Feliz e bem-aventurado, serás Deus ao invés de um mero mortal! De homem, nascerás Deus, pois és filho do Divino!"

De um modo geral, a mensagem órfica é a de que todos somos deuses, por herança divina, e deveremos voltar a estar junto de Deus. Sem o orfismo não se explicaria a filosofia e a doutrina de Pitágoras, nem a de Empédocles e, sobretudo, não se explicaria Sócrates e boa parte do pensamento de Platão, bem como de toda a tradição que deriva de ambos.

Bibliografia Sugerida

Reale, Giovanni.- *"História da Filosofia Antiga"* Vol. I Edições Loyola, São Paulo, s/d.

Reale, Giovanni & Antiseri, Dario.- *"História da Filosofia"* Vol. I Ed. Paulus, São Paulo, 1990

João Pessoa, 28/12/1996

Copyright (C) 1996 by Carlos Guimarães

Salvação pela Matemática

Pitágoras de Samos, que se tornou figura legendária na própria Antiguidade, teria sido antes de mais nada um reformador religioso, pois realizou uma modificação fundamental na doutrina órfica, transformando o sentido da "via de salvação"; em lugar do deus Dioniso colocou a matemática.

Da vida de Pitágoras quase nada pode ser afirmado com certeza, já que ela foi objeto de uma série de relatos tardios e fantasiosos, como os referentes às suas viagens e a seus contatos com culturas orientais. Parece certo, contudo, que ele teria deixado Samos (na Jônia), na segunda metade do século VI a.C. fugindo à tirania de Polícrates, transferindo-se para Crotona (na Magna Grécia) fundou uma confraria científico-religiosa.



Pitágoras criou um sistema global de doutrinas, cuja finalidade era descobrir a harmonia que preside à constituição do cosmo e traçar, de acordo com ela, as regras da vida individual e do governo das cidades. Partindo de idéias órficas, o pitagorismo pressupunha uma identidade fundamental, de natureza divina, entre todos os seres. Essa similitude profunda entre os vários existentes era sentida pelo homem sob a forma de um "acordo com a natureza", que, sobretudo, depois do pitagórico Filolau, será qualificada como uma "harmonia", garantida pela presença do divino em tudo. Natural que dentro de tal concepção - vista por alguns autores como o fundamento do "mito helênico" - o mal seja entendido sempre como desarmonia.

A grande novidade introduzida certamente pelo próprio Pitágoras na religiosidade órfica foi a transformação do processo de libertação da alma num esforço puramente humano, porque basicamente intelectual. A purificação resultaria do trabalho intelectual, que descobre a estrutura numérica das coisas e torna, assim, a alma semelhante ao cosmo, entendido como unidade harmônica, sustentada pela ordem e pela proporção, e que se manifesta como beleza.

Pitágoras teria chegado à concepção de que todas as coisas são números através inclusive de uma observação no campo musical: verificou no monocórdio que o som produzido varia de acordo com a extensão da corda sonora. Ou seja, descobriu que há uma dependência do som em relação à extensão, da música, (tão importante como propiciadora de vivências religiosas estáticas) em relação à matemática.

"Todas as coisas são números". (Pitágoras)

Em Todas as Coisas, o Número

A partir do próprio Pitágoras, o pitagorismo primitivo concebe a extensão como descontínua: constituída por unidades indivisíveis e separadas por um "intervalo". Segundo a cosmologia pitagórica - que descreve o cenário cósmico, onde se processa a purificação da alma - esse "intervalo" resultaria da respiração do universo que, vivo, inalava o ar infinito (*pneuma ápeiron*) em que estaria imerso. Mínimo de extensão e mínimo de corpo, as unidades comporiam os números. Estes não seriam, portanto - como virão a ser mais tarde - , meros símbolos a exprimir o valor das grandezas: para os pitagóricos, os números são reais, são essências realizadas (usando-se um vocabulário filosófico posterior), são a própria "alma das coisas", são entidades corpóreas constituídas por unidades contíguas e a prenciar os átomos de Leucipo e Demócrito. Assim, quando os pitagóricos falam que as



coisas imitam os números estariam entendendo essa imitação (*mimesis*) num sentido realista: as coisas manifestariam externamente a estrutura numérica inerente.

De acordo com essa concepção, os pitagóricos adotaram uma representação figurada dos números, em substituição às representações literais mais arcaicas, usadas pelos gregos e depois pelos romanos. A representação figurada permitia explicitar a lei de composição dos números e torna-se um fator de avanço das investigações matemáticas dos pitagóricos.

Os primeiros números, representados figurativamente, bastavam para justificar o que há de essencial no universo: o um é o ponto, mínimo de corpo, unidade de extensão; o dois determina a linha; o três gera a superfície, enquanto o quatro produz o volume. Já por sua própria notação figurativa evidencia-se que a primitiva matemática pitagórica constitui uma aritmo-geometria, a associar intimamente os aspectos numéricos e geométrico, a quantidade e sua expressão espacial.

"Pensem o que quiserem de ti; faze aquilo que te parece justo". (Pitágoras)

"Educai as crianças e não será preciso punir os homens". (Pitágoras)

...A música, com efeito, é o melhor exemplo do que queriam dizer os pitagóricos. A música, como tal, só existe em nossos nervos e em nosso cérebro; fora de nós ou em si mesma (no sentido de Locke), compõe-se somente das relações numéricas quanto ao ritmo, se se trata de sua quantidade, e quanto à tonalidade, se se trata de sua qualidade, conforme se considere o elemento harmônico ou o elemento rítmico.

No mesmo sentido, poder-se-ia exprimir o ser do universo, do qual a música é, pelo menos em certo sentido, a imagem, exclusivamente com o auxílio de números. E tal é, estritamente, o domínio da química e das ciências naturais. Trata-se de encontrar fórmulas matemáticas para as forças absolutamente impenetráveis. Nossa ciência é, nesse sentido, pitagórica. Na química, temos uma mistura de atomismo e de pitagorismo, para a qual Ephantus na Antiguidade passa por ter aberto o caminho.

A contribuição original dos pitagóricos é, pois, uma invenção extremamente importante: a significação do número e, portanto, a possibilidade de uma investigação exata em física. Nos outros sistemas de física, tratava-se sempre de elementos e de sua combinação. As qualidades nasciam por combinação ou por dissociação; agora, enfim, afirma-se que as qualidades residem na diversidade das proporções. Mas esse presentimento estava ainda longe da aplicação exata. Contentou-se, provisoriamente, com analogias fantasiosas.





SÓCRATES

Sócrates nasceu em Atenas em 470/469 a. C. e morreu na mesma cidade em 399 a.C., condenado devido a uma acusação de "impiedade": ele foi acusado de ateísmo e de corromper os jovens com a sua filosofia, mas, na realidade, estas acusações encobriam ressentimentos profundos contra Sócrates por parte dos poderosos da época.

Ele era filho de um escultor, chamado Sofronisco, e de uma parteira chamada Fenarete. Desde a juventude, Sócrates tinha o hábito de debater e dialogar com as pessoas de sua cidade. Ao contrário de seus predecessores, Sócrates não fundou uma escola, preferindo também realizar seu trabalho em locais públicos (principalmente nas praças públicas e ginásios), agindo de forma descontraída e descompromissada (pelo menos na aparência), dialogando com todas as pessoas, o que fascinava jovens, mulheres e políticos de sua época.

Enquanto os filósofos pré-Socráticos, chamados de naturalistas, procuravam responder à questões do tipo:

"O que é a natureza ou o fundamento último das coisas?" Sócrates, por sua vez, procurava responder à questão:

"O que é a natureza ou a realidade última do homem?"

A resposta a que Sócrates chegou é a de que *o homem é a sua alma - psyché*, por quanto é a sua alma que o distingue de qualquer outra coisa, dando-lhe, em virtude de sua história, uma personalidade única. E por psyché Sócrates entende nossa sede racional, inteligente e eticamente operante, ou ainda, *a consciência e a personalidade intelectual e moral*.

Ensinar o homem a cuidar de sua própria alma seria a principal tarefa a ser desempenhada por ele, Sócrates, e por todos os filósofos autênticos. Sócrates acreditava vivamente ter recebido essa tarefa por Deus, como podemos ler na *Apologia de Sócrates*, de Platão: "(...) *é a ordem de Deus. E estou persuadido de que não há para vós maior bem na cidade que esta minha obediência a Deus.*

Na verdade, não é outra coisa o que faço nestas minhas andanças a não ser persuadir a vós, jovens e velhos, de que não deveis cuidar só do corpo, nem exclusivamente das riquezas, e nem de qualquer outra coisa antes e mais fortemente que da alma, de modo



que ela se aperfeiçoe sempre, pois não é do acúmulo de riquezas que nasce a virtude, mas do aperfeiçoamento da alma é que nascem as riquezas e tudo o que mais importa ao homem..."

Segundo Reale & Antiseri (1990), um dos raciocínios fundamentais feitos por Sócrates para provar essa tese é o seguinte: uma coisa é o *instrumento* que se usa e a outra é o *sujeito* que usa o instrumento. Ora, o *homem* usa o seu corpo como instrumento, o que significa que a essência humana utiliza o instrumento, que é o corpo, não sendo, pois, o próprio corpo. Assim, à pergunta "o que é o homem?", não seria lógico reponder que é o seu corpo, mas sim que é "*aquilo que se serve do corpo*", que é a *psyché*, a alma. Esta mesma alma seria imortal e fadada a reencarnar tantas vezes fosse necessárias até a alma se aperfeiçoar de tal forma que não precisasse mais voltar a este planeta.

"Daimonion"

Entre as acusações contra Sócrates estava a de que ele estava introduzindo novos *daimonions*, novas entidades divinas. Em sua *Apologia*, Sócrates diz: "A razão (...) são aquelas acusações que muitas vezes e em diversas circunstâncias ouvistes dizer, ou seja, que em mim se verifica *algo de divino ou demoníaco* (...) *uma voz que se faz ouvir dentro de mim* desde que eu era menino e que, quando se faz ouvir, sempre me detém de fazer aquilo que é perigoso e que estou a ponto de fazer, mas que nunca me exortou a fazer nada".

Ou seja, o daimonion socrático era "uma voz" que lhe vetava determinadas coisas, o que o salvou várias vezes de perigos e experiências negativas (Reale & Antiseri, 1990, p. 95).

Ela não lhe revelava nada, apenas vetava algumas coisas que lhe eram perigosas. O daimonion socrático é algo muito específico que diz respeito muito particularmente à excepcional personalidade de Sócrates, colocando-se no mesmo plano de um tipo de mediunismo que se fazia presente em certos momentos de concentração muito intensa e em momentos de reflexão bastante próximos aos arrebatamentos de êxtase em que Sócrates (assim como ocorria com Buda, Plotino, Joana D'Arc, etc) mergulhava algumas vezes e que duravam longamente, coisa da qual tanto Platão quanto Xenofonte falam expressamente. Jostein Gaarder fala que as pessoas ainda hoje se perguntam por que Sócrates teve de morrer. Então ele faz um paralelo entre Jesus e Sócrates: ambos eram pessoas carismáticas e eram consideradas pessoas enigmáticas ainda em vida. Nenhum dos dois deixou qualquer escrito, e precisamos confiar na imagem e impressões que eles deixaram em seus discípulos e contemporâneos.



Ambos eram mestres da retórica e tinham tanta autoconfiança no que falavam que podiam tanto arrebatam quanto irritar seus ouvintes. E ambos acreditavam falar em nome de uma coisa que era maior do que eles mesmos. Ambos desafiavam agudamente os que detinham o poder na sociedade, apontando sem piedade as hipocrisias e falsos fundamentos em que se assentavam para cometer toda sorte de abusos e injustiças. Foi isto que, no fim, lhes custou a vida.

Afinal, os que questionam são sempre perigosos para os poderosos e pseudo-sábios de todas as épocas.

A maneira como Sócrates fazia as pessoas conhecerem-se a si mesmas também estava ligada à sua descoberta de que o homem, em sua essência, é a sua psyché. Em seu método, chamado de *maiêutica*, ele tendia a despojar a pessoa da sua falsa ilusão do saber, fragilizando a sua vaidade e permitindo, assim, que a pessoa estivesse mais livre de falsas crenças e mais susceptível à extrair a verdade lógica que também estava dentro de si.

Sendo filho de uma parteira, Sócrates costumava comparar a sua atividade com a de trazer ao mundo a verdade que há *dentro de cada um*. Ele nada ensinava, apenas ajudava as pessoas a tirarem de si mesmas opiniões próprias e limpas de falsos valores, pois o verdadeiro conhecimento tem de vir de dentro, de acordo com a consciência, e que não se pode obter expremendo-se os outros. Até mesmo na atividade de aprender uma disciplina qualquer, o professor nada mais pode fazer que orientar e esclarecer dúvidas, como um lapidador tira o excesso de entulho do diamante, não fazendo o próprio diamante. O processo de aprender é um processo interno, e tanto mais eficaz quanto maior for o interesse de aprender. Só o conhecimento que vem de dentro é capaz de revelar o verdadeiro discernimento. Em certo sentido, dizemos que quando uma pessoa "toma juízo", ela simplesmente traz à consciência algo muito claro que já estava "dentro" de si. Assim, as finalidades do diálogo socrático são a catarse e a educação para o autoconhecimento.

Dialogar com Sócrates era se submeter a uma "lavagem da alma" e a uma prestação de contas da própria vida. Como disse Platão:

"quem quer que esteja próximo a Sócrates e, em contato com ele, põe-se a raciocinar, qualquer que seja o assunto tratado, é arrastado pelas espirais do diálogo e inevitavelmente é forçado a seguir adiante, até que, surpreendentemente, ver-se a prestar contas de si mesmo e do modo como vive, pensa e viveu".

Em seu método, ao iniciar uma conversa, Sócrates sempre adotava a posição de uma pessoa ignorante, que apenas *"sabe que nada sabe"*. E justamente por usar esta afirmativa, ele forçava as pessoas a usarem a razão. Ele entrava de tal forma na conversa, e de tal



forma a dominava, que era capaz de aparentar uma maior ignorância ou de mostrar-se mais tolo do que realmente era. Seus discípulos mais fieis já sabiam que quando o opositor caia nesta jogada, logo logo levaria um tombo tremendo quando o quadro se invertesse.

E esta era a principal técnica do método de Sócrates: usar a ironia. Foi assim que le expos muito das fraquezas do pensamento ateniense.

Um encontro com Sócrates podia significar o risco de expor-se ao ridículo. Mas as pessoas que passaram por isto e conseguiram superar o choque do orgulho ferido, indo até o fim no processo cartático, acabavam por extrair de si mesmo a resposta em tudo lógica e compatível com os problemas expostos, dando-lhe a solução.

O resultado é que o indivíduo sentia uma verdadeira sensação de iluminação, de descoberta, de der dado à luz algo de valioso que havia dentro de si, mas de que não tinha a mínima consciência. Foi assim que Sócrates conquistou fervorosos discípulos. Mas se a pessoa entregava-se ao orgulho ferido, tornava-se um inimigo feroz.

E esta foi a razão que lhe custou a vida.



GANDHI

Livro: As idéias de Gandhi

Autor: George Woodcock

Gandhi foi o primeiro dos grandes teóricos ativistas que mudaram a fisionomia do nosso mundo e a forma de nosso pensamento no presente século. Em 1894, nove anos antes de Lênin reunir sua facção bolchevique dentro do Partido Social-Democrata Russo e um quarto de século antes de Mao Tsé-Tung abraçar a Revolução como um meio de vida, Gandhi iniciava sua atividade entre os indianos que viviam na África do Sul, vítimas da opressão dos contratos coloniais de trabalho.

Combinando pensamento e experiência prática, chegou a suas próprias técnicas de luta, surgidas das circunstâncias da realidade do momento; em 1906, Gandhi anunciou sua campanha , pioneira, da satyagraha, pondo em prática a resistência não-violenta como disciplina de luta social.

Satyagraha, combinação de duas palavras gujarati que significam verdade e força, era uma doutrina desenvolvida a partir da ação e que levava à ação.

Gandhi era um pluralista político, mas igualmente religioso; se buscou uma fé que pudesse ser aceita, com a mesma facilidade, por cristãos e hinduístas, buscou , igualmente, um método político que fosse universal em suas aplicações.

"Tomado apenas como político e comparado a outras proeminentes figuras políticas de nosso tempo, que rastro de limpeza ele conseguiu deixar!" – disse Orwell sobre Gandhi. Apesar de suas extraordinárias habilidades políticas, Gandhi manteve-se incorrupto num país em que políticos e corrupção se tornaram quase sinônimos. Não apenas viveu em exemplar pobreza e se recusou a favorecer parentes segundo a lealdade familiar tradicional na Índia, como negou a si mesmo o prazer de triunfar sobre os inimigos.

Mohandas Karamchand Gandhi nasceu na cidade litorânea de Porbander, a 2 de outubro de 1869, onde seu pai Karamchand Gandhi era o primeiro-ministro.

Karamchand Gandhi sempre desejara que um de seus filhos o sucedesse no posto de primeiro-ministro; a escolha recaía em Mohandas. Mas o aproveitamento do jovem



Gandhi continuava a ser tão insatisfatório, que parecia remota a possibilidade dele vir a obter um diploma, mesmo numa universidade indiana. A família chegou a conclusão de que a única saída para um tal asno seria ir para Londres e freqüentar o Inner Temple onde, segundo se dizia, os exames eram tão fáceis que mesmo o mais estúpido dos alunos conseguia aprovação.

Ao final de seu segundo ano de permanência em Londres, ele entrou em contato com os teosofistas, que o levaram a ler, pela primeira vez, o clássico indiano que, mais tarde, ele consideraria "o livro par excellence para o conhecimento da Verdade". Tratava-se do Bhagavad Gita.

Gandhi passou à leitura do longo poema de Arnold, " A Luz da Ásia" , através do qual, pela primeira vez, tomou conhecimento da vida e dos ensinamentos de Buda. Depois, deu-se ao estudo da Bíblia. Achou desagradável o velho Testamento, mas comoveu-se profundamente com o Novo. Ao mesmo tempo, leu a obra de Carlyle a respeito de Maomé e passou a admirar o austero modo de vida do profeta. Começou a tentar mentalmente uma síntese dos ensinamentos do cristianismo e do budismo, do islamismo e do hinduísmo vaishnavita e acabou por encontrar o princípio unificador na idéia da renúncia. Há um apelo especial na exortação do Sermão da Montanha: "Mas eu vos digo que não resistais ao mal". Respondia de maneira tão forte ao apelo da ética cristã, que, vacilou durante certo tempo entre o cristianismo e o hinduísmo. " Ao recuperar o equilíbrio mental, senti que para mim a salvação somente era possível através da religião hindu e minha fé no hinduísmo se fez mais profunda e esclarecida". Era pois um hinduísmo tingido pelas implicações igualitárias do cristianismo.

Gandhi formou-se em advocacia em 1891 e, quase imediatamente depois, embarcou de volta a Bombaim.

Libertação nacional e revolução social não são, uma e outra, categorias suficientemente amplas para conterem o objetivo que se desenvolveu com e a partir da vida de ação de Gandhi. Todas as suas lutas, por mais diferentes que tenham sido os fins imediatos, preocupavam-se fundamentalmente com a qualidade de vida. Pensava fazer os homens livres e liberdade implicava viver de acordo com a maneira particular de existir – religiosa ou nacional- que escolhessem. Mas liberdade e dignidade traziam consigo o respeito à liberdade e à dignidade dos demais, de modo que, em última análise, Gandhi era mais um universalista do que um nacionalista.



Segundo sua neta, na noite anterior à sua morte, Gandhi disse-lhe que, se tivesse de morrer de doença, ela deveria declarar ao mundo que ele era um falso Mahatma. "Mas se ocorrer uma explosão, com a da semana passada (uma bomba explodira numa de suas reuniões de prece), ou se alguém atirar em mim e eu receber a bala em meu peito nu, sem um gemido e com o nome de Rama em meus lábios, então deverás dizer que fui um verdadeiro Mahatma". No dia seguinte, 30 de janeiro de 1948, antes do anoitecer, quando Gandhi caminhava rumo ao local de reunião de preces foi assassinado a tiros por um confrade hindu e morreu pronunciando o nome de Rama.

Todos nós fomos modificados, em nossa maneira de pensar, pelas idéias e ações de Gandhi. Isto não equivale a dizer que, na Índia, muitas pessoas podem ser tidas como gandhianas, nem é isso o que pretendemos. "Não existe esta coisa chamada gandhismo", disse ele "e não pretendo deixar uma seita após minha morte".

O que ele realmente quis ver: outros homens a realizarem constantes experiências com a verdade, a buscarem os caminhos pelos quais uma vida moral pudesse prevalecer dentro de cada cultura nacional devidamente resguardada. Se existem dogmas gandhianos, são simples e poucos: praticar a não-violência, que significa, igualmente, simplificar a vida até tornar desnecessária a violência e buscar a igualdade física mantendo, ao mesmo tempo, uma infinita diversidade de crenças.



BEZERRA DE MENEZES

Adolfo Bezerra de Menezes Cavalcanti, cearense, de Riacho do Sangue, nasceu em 29 de agosto de 1831, batizado na igreja católica. Seus pais, o capitão das antigas milícias e tenente-coronel da guarda nacional, Antônio Bezerra de Menezes, falecido em outubro de 1851, e D. Fabiana de Jesus Maria Bezerra, criaram-no nos mais severos princípios do dever e da honra, que praticavam fervorosamente, bem como nos da religião católica apostólica romana. Bezerra de Menezes se destacou na área intelectual, captando ao máximo os conhecimentos que seu professor poderia lhe fornecer.

Em 1838, entrou à escola pública, onde em dez meses se aprontou em: literatura, escrita e contas. 1842, matriculou-se na escola de latim, onde em dois anos substituiu o professor. Em 1846, entrou para o Liceu, onde era sempre considerado o primeiro aluno do mês. Foi para o Rio de Janeiro em 1851, ingressando, em novembro de 1852 como praticante interno do Hospital da Santa Casa de Misericórdia, onde seria estimado auxiliar do grande cirurgião Dr. Manoel Feliciano Pereira de Carvalho.

Para manter-se nos estudos dava aulas de filosofia e matemática, formando-se em 1856 pela Faculdade de Medicina.

Em 6 de novembro de 1858 casou-se com D. Maria Cândida de Lacerda, que faleceu a 24 de março de 1863, deixando-lhe dois filhos.

Em 1860 candidatou-se a vereador, sendo eleito pelo partido liberal, não medindo esforços em defesa dos humildes e necessitados. Reeleito em 1864, retornando à política anos mais tarde, porém, jamais aceitou favores do governo.

Em 1965 casou-se pela segunda vez com D. Cândida Augusta de Lacerda Machado, de quem teve sete filhos.

Bezerra, espírito prudente e cheio de ponderação, em 1869, toma frente na campanha abolicionista "A Escravidão no Brasil e as medidas que convém tomar para extingui-la sem dano para a Nação". Escreveu ainda várias biografias de homens célebres, com Visconde de Uruguai, o Visconde de Caravelas, etc. E foi redator de "A Reforma", e "Sentinela da Liberdade"



Mesmo sendo espírita declarado, tinha o reconhecimento de vários católicos. Em 1865, Bezerra encerrou as atividades políticas, mas lutava sempre par engrandecer o Brasil. Outra mais alta missão, aquela de que o incumbira Ismael, "o aguardava ,não para o coroar de louros, que pertence, mas para trazer a sua memória à imortalidade, em que vive, conservando-o como médico das almas aos serviços de uma clientela que cresce todos os dias."

O espiritismo já vinha atraindo multidões quando apareceu a primeira tradução brasileira de O Livro dos Espíritos, em 1875, foi oferecido ao Dr. Bezerra de Menezes um exemplar da obra pelo tradutor, Dr. Joaquim Carlos Travassos. Num qual relata que já tinha lido ou ouvido tudo que já havia naquele livro... " Preocupei-me seriamente com esse fato maravilhoso e a mesmo dizia: parece que eu espírita inconsciente, ou, como se diz vulgarmente de nascença ..."

Entretanto, foi em 16 de agosto de 1888 no salão da Federação Espírita Brasileira que proclamava sua adesão ao espiritismo.

A marcha da doutrina, prosseguiu más celeremente e Bezerra continua a escrever em Reformador.

A partir de 1888 Bezerra de Menezes escreveu várias obras espíritas tais como: "A Casa Assombrada", no qual relata muitos fatos de sua vida, "A Loucura Sobe Novo Prisma", a "Doutrina Espírita como Filosofia Teogônica", reeditada como - "Uma Carta de Bezerra de Menezes", romances publicados em folhetim pelo "Reformador" como "Casamento e Mortalha", "Pérola Negra", "Lázaro- O Leproso", "História de Um Sonho", " O Evangelho do Futuro", além de vários inéditos.

Em 1889 como presidente da casa de Ismael iniciou o estudo metódico d'O Livro dos Espíritos, em sessões semanais em salões da fé; o que até hoje é seguido.

A presença sábia e bondosa de Bezerra vinculou fortemente o grupo Ismael, a Federação e a Assistência aos necessitados em torno da mesma divisa que ainda hoje permanece à frente da Casa de Ismael – DEUS, CRISTO E CARIDADE. Eleito presidente em 03 de Agosto de 1895 da FEB, onde trabalhou incansavelmente.

" A missão dos Espíritas no Brasil, é divulgar o Evangelho em espírito e verdade." " A cada povo sua tarefa, a vossa, a maior, é o Evangelho: tende educar os corações.



" Bezerra despreendeu-se do orbe em 11 de Abril de 1900, pobre, más com um brilhante passado, tendo consolidado a sua missão para que a obra de Ismael pudesse ser livremente cultivada no século XX. E essa obra prossegue sempre.

Aos 12 de Abril, dia seguinte, Bezerra de Menezes transmite pelo médium Frederico Jr., uma bela mensagem de agradecimento pela recolhida no mundo espiritual. Recebendo então a partir do seu desencarne várias mensagens e o título de médico dos pobres.

Livro: Grandes espíritas do Brasil

Autor: Zêus Wantuil

BEETHOVEN

Beethoven nasceu em Bonn, na Alemanha, em dezembro de 1770.

Há quem diga que foi o maior gênio da música de todos os tempos. Outros afirmam que ele está além de qualquer classificação.

O pai de Beethoven era tenor e, percebendo o talento de seu filho, chamou Christian Gottlob Neefe para ensiná-lo a música. Neefe submeteu-o a uma intensa disciplina, que fez com que aos 14 anos Beethoven obtivesse o posto de segundo organista da capela do principado de Colônia, convertendo-se em músico de ofício.

Beethoven conhecia sua genialidade, o que o fazia um aluno para o qual não é fácil ensinar. Ele utilizava harmonias que, na época, eram consideradas inadmissíveis.

Um dia seu professor comentou isso, e Beethoven lhe disse: "Quem proibiu essas harmonias ? Eu admito cada uma delas".

Aos 15 anos compôs suas primeiras obras: Três quartetos de cordas e um concerto para piano. Quando Beethoven tinha 17 anos, o príncipe Maximiliano resolveu mandar enviá-lo para Viena para que pudesse ampliar sua formação musical e encontrar Mozart, o



que não sabemos se realmente ocorreu. Sua volta a Bonn ocorreu antes do previsto, devido à saúde de sua mãe, que faleceu logo depois.

Depois do incidente o pai de Beethoven perdeu a razão, sendo que Beethoven teve de passar a dar aulas particulares de piano para jovens burguesas para sustentar seus dois irmãos menores.

Aos 20 anos ele compôs seus dois primeiros encargos oficiais: Duas cantatas, uma pela morte de Maximiliano II e outra pela subida ao trono de Leopoldo II.

Em 1792, o célebre compositor Joseph Haydn visitou Bonn, e foi apresentado a Beethoven. Beethoven mostrou-lhe algumas de suas obras, e Haydn, impressionado, propôs que Beethoven se mudasse para Viena para que pudesse ser seu aluno. Ainda em 1792, Beethoven instalou-se em Viena para tornar-se aluno de Haydn, tendo sua estância na capital da música financiada por Leopoldo II. Recebeu aulas de forma irregular, pois Haydn estava no auge de sua carreira e tinha de sair da cidade freqüentemente, para atender às solicitações.

A relação entre os dois é tensa, devido a suas diferenças musicais. Embora Haydn reconhecesse o talento de seu aluno, Haydn não compreendia a música de Beethoven (De um modo geral, a música de Beethoven não era compreendida por ninguém em sua época, devido ao seu caráter quase romântico.).

Beethoven também estava descontente devido a pouca atenção de seu mestre para com ele. Assim, em 1794, Beethoven aproveitou-se de uma viagem de Haydn a Londres, Beethoven procurou um novo mestre: O contrapontista Georg Albrechtsberger.

Em Viena, capital da música na época, Beethoven viu sua situação financeira melhorar muito, convertendo-se no primeiro músico a receber tratamento igualitário. Conquistou admiração e respeito, pois além de ser notável pianista (Beethoven ainda não era conhecido por suas obras, mas era excelente pianista) era uma pessoa culta, cuja companhia era disputada por todos, que toleravam seu caráter difícil e seus modos.

Beethoven era um tanto gordo, tinha 1m70 de altura, cabeça desproporcional e cabeleira rebelde e desgrenhada. Era irritadiço, esquecido, sem o menor refinamento. Solteirão, morou em lugares bagunçados e sujos. Espalhava partituras pela sala e seus móveis eram cobertos de poeira. Tinha estranhos hábitos, como o de cuspir a qualquer momento e em qualquer lugar. Era desajeitado, espalhando destruição por onde passava. Comparado a Chopin, por exemplo, seria pouco menos que um troglodita.



Consolidada sua fama como pianista explosivo e inovador, aos 30 anos começou a compor. No início foi recebido com indiferença. Sua Sinfonia No 3 "Heróica" foi um ponto de mudança radical na história da música e na vida de Beethoven. sua genialidade passou a ser reconhecida.

Ela estreou em 7 de abril de 1805. Ninguém jamais havia escrito uma sinfonia tão longa, complexa e explosiva. Até aquele dia, era como se a sonoridade das orquestras não tivesse existido. A platéia não compreendeu bem a sinfonia e suas dimensões. Mas sabia que havia ouvido algo monumental. A sinfonia "Heróica" dura cerca de uma hora. Nenhuma sinfonia de Mozart ou Haydn durava mais que a metade.

Beethoven havia entrado no futuro da música. sabia que estava certo. A humanidade que esperasse sua vez de chegar ao futuro.

Nesta época, Beethoven começou a sofrer de surdez. Em 1807 já estava completamente surdo. Mesmo surdo, por incrível que pareça, Beethoven continuou tocando piano, regendo orquestras e, sobretudo, compondo. Aliás, suas obras mais famosas foram compostas quando ele estava parcialmente surdo, e sua obra prima, a Nona Sinfonia "Coral" foi composta quando ele já estava totalmente surdo, não podendo ouvir sua própria música.

A partir de 1811, sua produção começou a diminuir, devido a sua complicada vida pessoal e sua alma atormentada. Beethoven mergulhava em seu mundo interior.

Escreveu uma missa, vários quartetos e belíssimas sonatas para piano.

Em 1824 estreava sua obra derradeira: A Nona Sinfonia. Houveram apenas 2 ensaios, e a estréia foi um desastre. O coro não atingia as notas mais altas e protestava, exigindo mudanças. Beethoven nem respondeu. Apesar disso, o público sabia que estava diante de um marco na história da música.

Aplaudiu durante longos minutos. Beethoven, sentado na primeira fila e surdo, não percebeu. Foi preciso que alguém o fizesse dar meia volta para que ele pudesse ver o impacto de sua obra sobre o público. Para Beethoven, era a consagração silenciosa.

Beethoven morreu três anos depois dessa estréia. Sofreu de uma longa doença.



MICHELANGELO

Pintor, escultor, arquiteto e poeta italiano. Ninguém o igualou na originalidade de suas concepções. Suas obras impressionam pela originalidade e caráter grandioso., sublime.

Michelangelo, foi o mestre da escultura no tempo que viveu, fez favores aos reis de seu país a aos outros vizinhos.

Vivendo no tempo de Leonardo Da Vinci, o conheceu perfeitamente, entre uma e outra reunião, eles entravam em controvérsias; mas nunca chegaram a sair do sério.

Com a estréia de uma escultura maravilhosa, Michelangelo deu início ao seu talento, para a sociedade, passada e atual; foi um magnífico “ David” uma escultura fria de três metros e meio no museu de Florença.

Além de outros como “A cúpula de São Pedro de Roma” , O túmulo de Júlio II, o “Cristo sustentado na cruz”, e as impressionantes esculturas de Davi, já citado e Moisés, entre outras.

Fez também os afrescos da Capela Sistina, entre os quais “ Juízo D Final” e “ A criação do mundo”

Como Leonardo, Michelangelo era extraordinário anatomista pois suas célebres esculturas é a prova dessa ciência.

*Também teve um amor proibido, a Condessa ou Marquesa de Pombal, que era viúva o amava muito.

Michelangelo faleceu em 1564, na casa de um amigo, com uma doença nas pernas a qual o impossibilitou de continuar seu trabalho nos anos anteriores à sua morte.



LEONARDO DA VINCI

Leonardo da Vinci nasceu em 15/04/1452. Existem dúvidas sobre o lugar de seu nascimento: para alguns historiadores, seu berço foi uma casa de Anchiano, uma localidade de Vinci, enquanto para outros, foi o próprio lugar de Vinci, situado na margem direita do rio Arno, perto dos montes Albanos, entre Florença e Pisa.

Foi um dos mais notáveis pintores do Renascimento e possivelmente seu maior gênio, por ser também anatomista, engenheiro, matemático músico, naturalista, arquiteto e escultor. Suas idéias científicas quase sempre ficaram escondidas em cadernos de anotações, e foi como artista que obteve reconhecimento de seus contemporâneos.

Estagiou no estúdio de Verrochio (importante artista da época), em Florença. Mudou-se para Milão em 1481, onde trabalhou para a corte de Ludovico Sforza. Até 1506 Leonardo trabalhou principalmente em Florença e tudo indica que nesta época tenha pintado a Mona Lisa, sua obra mais famosa. Entre 1506 e 1516, viveu entre Milão e Roma. Convidado por Francisco I, viajou para a França em 1516, onde faleceu no ano de 1519.

Leonardo Da Vinci escreveu e desenhou sobre tudo. Em cerca de 6 mil páginas de manuscritos que nos restam, há estudos de praticamente todas as áreas do saber : geometria, anatomia, geologia, botânica, astronomia, óptica, mecânica, arquitetura, projetos bélicos, etc.

Há principalmente, a mais fantástica coleção de invenções e soluções de engenharia já imaginadas por um único homem : esboços de helicópteros, submarinos, pára-quedas, veículos, embarcações, máquinas voadoras, turbinas, teares, canhões, pontes, carros de combate, etc.

Gastava muitas de suas noites dissecando cadáveres, em meio aos odores da morte e da decomposição. O quanto ele era habilidoso nessas técnicas o mostram seus desenhos anatômicos, considerados superiores aos do célebre Andréas Vesalius, o grande anatomista do Renascimento.
(texto adaptado da revista Superinteressante, São Paulo, Abril, n1, out. 1997, p.85-6)

CONTEXTO HISTORICO



As conquistas marítimas e o contato mercantil com a Ásia ampliaram o comércio e a diversificação dos produtos de consumo na Europa a partir do século XV. Com o aumento do comércio, principalmente com o Oriente, muitos comerciantes europeus fizeram riquezas e acumularam fortunas. Com isso, eles dispunham de condições financeiras para investir na produção artística de escultores, pintores, músicos, arquitetos, escritores, etc.

Os governantes europeus e o clero passaram a dar proteção e ajuda financeira aos artistas e intelectuais da época. Essa ajuda, conhecida como mecenato, tinha por objetivo fazer com que esses mecenas (governantes e burgueses) se tornassem mais populares entre as populações das regiões onde atuavam.

Neste período, era muito comum a família nobre encomendarem pinturas (retratos) e esculturas junto aos artistas.

E foi na Península Itálica que o comércio mais se desenvolveu neste período, dando origem a uma grande quantidade de focus de produção artística. Cidades como, por exemplo, Veneza, Florença e Gênova tiveram um expressivo movimento artístico e intelectual. Por este motivo, a Itália passou a ser conhecida como o berço do Renascimento.

Durante os séculos XV e XVI intensificou-se, na Europa, a produção artística e científica. Esse período ficou conhecido como Renascimento ou Renascença.

As características principais deste período são as seguintes:

- Valorização da cultura greco-romana. Para os artistas da época renascentista, os gregos e romanos possuíam uma visão completa e humana da natureza, ao contrário dos homens medievais;
- As qualidades mais valorizadas no ser humano passam a ser a inteligência, o conhecimento e o dom artístico;
- Enquanto na Idade Média a vida do homem devia estar centrada em Deus (teocentrismo), nos séculos XV e XVI o homem passa a ser o principal personagem (antropocentrismo);
- A razão e a natureza passam a ser valorizados com grande intensidade. O homem renascentista, principalmente os cientistas, passam a utilizar métodos experimentais e de observação da natureza e universo.



Durante os séculos XIV e XV as cidades italianas como, por exemplo Gênova, Veneza e Florença, passam a acumular grandes riquezas provenientes do comércio.

Estes ricos comerciantes começam a investir nas artes, aumentando assim o desenvolvimento artístico e cultural.

Por isso, a Itália é conhecida como o berço do Renascentismo. Porém, este movimento cultural não se limitou à Península Itálica.

Espalhou-se para outros países europeus como, por exemplo, Inglaterra, Espanha, Portugal, França e Países Baixos.



Principais representantes do Renascimento Italiano e suas principais obras:

Michelângelo Buonarroti (1475-1564)- destacou-se em arquitetura, pintura e escultura. obras principais: Davi, Pietá, Moisés, pinturas da Capela Sistina.

Rafael Sanzio (1483-1520) - pintou várias madonas (representações da Virgem Maria com o menino Jesus).

Leonardo da Vinci (1452-1519)- pintor, escultor, cientista, engenheiro, físico, escritor, etc obras principais :Mona Lisa, Última Ceia.

Na área científica podemos mencionar a importância dos estudos de astronomia do polonês Nicolau Copérnico. Este defendeu a revolucionária idéia do heliocentrismo (teoria que defendia que o Sol estava no centro do sistema solar).Copérnico também estudou os movimentos das estrelas.

Irmã Dulce

Em 26 de maio de 1914, na Rua São José de Baixo, Salvador, Bahia nasce Maria Rita filha de Augusto Lopes e Dulce Maria, Segunda filha do casal, tendo outros quatro irmãos.

Em 1927, Maria Rita manifesta, pela primeira vez a vontade de entrar para o convento, iniciando a vocação religiosa. Fazia atendimento a pessoas carentes em sua própria casa.

Em 03 de Dezembro de 1932 recebeu o diploma de professora, pela Escola Normal da Bahia.

Em 08 de Fevereiro ingressa à Congregação das Irmãs Missionárias da Imaculada Conceição da Mãe de deus, do convento de São Cristovão em Sergipe.

Em 15 de Agosto de 1934, torna os votos de profissão de fé religiosa. Em homenagem a mãe recebe o nome de Irmã Dulce e, excepcional é mandada de volta para



Salvador onde trabalha como enfermeira voluntária no Sanatório Espaneror por 3 meses e fez um curso de prática de farmácia.

Termina o estágio no Sanatório e passa a lecionar geografia no Colégio Santa Bernadite, onde demonstrou não ter vocação para professora, o que lhe permitiu deixar de lecionar e ganhar as ruas para se dedicar ao trabalho sociais.

Em 1935 dava assistência à comunidade sobretudo nos bairros na cidade Baixa no mesmo ano funda a União Operária São Francisco primeiro movimento cristão Operário de Salvador.

Em 1939 Irmã Dulce começa a abrigar seus doentes em casas arrombadas, no Mercado do Peixe, nos Arcos do Bónfim até encontrar solução no convento das irmãs missionárias da Imaculada Conceição. Com licença da Madre Supervisora, transformou o galinheiro em albergue onde instalou 70 doentes. Em 1960, era inaugurado o Albergue Santo Antônio com 150 leitos.

A Associação obras de Irmã Dulce foi fundada em 26 de maio de 1959, data em que Irmã Dulce recebeu o estatuto de fundação, de caráter filantrópico é elaborado pelo seu pai, Augusto Lopes Pontes. Contava com o albergue, o asilo de velhos e, o centro educacional.

O trabalho assistencial cresceu muito; recebendo auxílio da sociedade e do governo, sendo indicada em 1978 ao Prêmio Nobel da Paz.

Em 11 de Novembro de 1990, Irmã Dulce é internada com problemas respiratórios.

Em 20 de Outubro de 1991, recebeu, no seu leito de enferma, a visita de João Paulo II, pela última vez.

Em 13 de Março de 1992, morre às 16:45, aos 77 anos, no Convento Santo Antônio depois de passar 16 meses internada. Desde então, a sua obra continua a ser dirigida pela sobrinha Maria Rita Lopes.



MADRE TERESA DE CALCUTÁ

Agnes Gonxha Bonjaxhiu, conhecida como Madre Teresa de Calcutá, nasceu em 27 de Agosto de 1910, em Skopje, na Macedônia.

Filha de merceeiros aos 12 anos, começou a tomar parte intensiva num grupo juvenil enquanto freqüentava as aulas do colégio na sua cidade natal. Era diretor espiritual do grupo um padre Jesuíta muito jovem. Justamente naqueles anos os jesuítas de Skopje abriram uma missão perto de Calcutá. De lá chegaram cartas impressionante, descrevendo a situação de extrema miséria daquela gente. Ouvindo tais descrições Agnes começou a pensar: “Gostaria de partir para a missão da Calcutá. Era o começo da vocação.

Em 1928, Agnes tem dezoito anos. Pensou e repensou sobre “O que fazer da vida”. O ideal missionário já se lhe tinha impresso profundamente. Recorreu a oração para não se deixar levar pela ilusão. Tendo perguntado ao confessor “Como posso estar certa de que Deus me chama?”, obtive a seguinte resposta. “Através da Alegria. Se o pensamento de dedicar-lhe toda sua vida, na pessoa dos irmãos lhe traz alegria e paz, uma alegria profunda e tranquilizadora, então existem razões de sobra para se pensar que Deus está chamando. A alegria profunda funciona como uma bússola, mesmo quando indica uma rota aparentemente mais dura, mais difícil”.

O pensamento de ser missionária suscitava nela precisamente uma alegria tranqüila e profunda, foi então que resolveu. Com o consentimento dos pais; Agnes pede para ser admitida entre as Irmãs de Loreto que têm a casa-mãe na Irlanda e muitas



missões na Índia. Depois de uma breve estadia na Abadia de Loreto, foi enviada a Dajeeling, na Índia.

Começou a ensinar na St. Mary High School de Calcutá, um colégio situado no bairro mais elegante e era freqüentado por filhas das famílias mais ricas da cidade. Foi nomeada diretora do colégio, cargo que exerceu durante alguns anos.

Em 1943 a Guerra Mundial está no auge. Em Bengala alastra-se uma estiagem calamitosa. Dois milhões de pessoas morrem de fome.

A imagem dessas vítimas e de tantas outras pessoas que todo os dias morrem ao longo das ruas de Calcutá começa a atormentar a Madre Teresa. Imagina então ser absolutamente absurdo o fato de permanecer ocupada no ensino a um pequeno grupo de privilegiados, enquanto ali mesmo, a poucos metros ou a poucos quilômetros de distância, seus irmãos caem vítimas da morte em meio aos mais completo abandono. Embora jamais de tenha limitado a ensinar apenas medidas de superfície ou nomes de montanhas, mas tinha procurado sensibilizar suas alunas para o problema tremendo dos pobres e marginalizados, julga ela que nessa ocasião é necessário fazer algo de mais importante. Urge assumir, de fato um compromisso pessoal.

Um dia teve uma espécie de intuição, um sentimento desta ordem poderia muito bem ser um segundo chamado de Deus. Para sentir-se mais segura, decide expor o caso à superiora de sua congregação, bem como ao arcebispo de Calcutá. Expõe-lhe o plano de deixar o convento e passar a viver em meio aos pobres.

A resposta é um “não” muito seco. Não fica irritada com isso. Muito calma continua a ensinar na High School. Se tal sentimento vem de Deus, o próprio Deus



previdenciará para que lhe depare permitir que se forme uma congregação toda vez que uma religiosa mete na cabeça que deus acaba de lhe falar”.

Mesmo depois da resposta negativa o arcebispo não rasga a carta da freira. Colocou-a em lugar bem visível, e de vez em quando põe-se a pensar sobre ser conteúdo. Afinal Irmã Tereza não pede para abandonar a vida religiosa, e sim para poder vivê-la de maneira diferente, mais em contato com as pessoas que morrem na miséria. Deseja percorrer um caminho outrora percorrido por grandes santos.

Pensa então que o melhor é dirigir o pedido ao Papa. A 7 de Agosto de 1948 chega a resposta em que Pio XII está de acordo que Irmã Teresa deixe o convento e experimenta viver entre os pobres, sob responsabilidade direta do arcebispo Irmã Teresa despe então o hábito religioso e veste o sári branco, tal como as pobres mulheres indianas. Pés nus, apenas um par de sandálias, umas poucas rupias no bolso e uma grande fé na alma, Teresa abandona o centro de Calcutá e embrenha-se nas favelas daquela imensa periferia.

Calcutá é dividida em cidade branca e cidade negra. A primeira foi construída pelos comerciantes ingleses, hospedando hoje os hindus ricos. A Segunda é um formigueiro imenso onde cada dia que passa desembocam vagas de pessoas anônimas. A leva de miseráveis infiltra-se no coração da cidade até penetrar na estação ferroviária. Mendigos reduzidos a esqueletos um movimento, crianças desnutridas e imundas, leprosos escondidos em meio aos monturos de dejetos, vôo vasantes de urubus e abutres. Para quem chega a Calcutá é como o cartão de visita da fome e da morte que reinam soberanas na imensa e babelica “cidade negra” Teresa conhecia sim a cidade. Foi só passar agora da cidade “branca” para a “negra”.



Depois de uma preparação sumária na missão médica americana, iniciou sua missão, recolhendo as primeiras crianças abandonadas que encontrou nas ruas. No primeiro dia cinco vinte e uma no segundo, quarenta no terceiro. Ensinou essas crianças a se lavarem. Em seguida, não possuindo um quadro-negro, começou a ensinar-lhe a ler a escrever, desenhando sinais na terra.

P resto do tempo passava-o à cabeceiras dos moribundos, ao longo do acostamento. Sentava-se ao lado do acostamento. Sentava-se ao lado do primeiro leproso que encontrava, lavava-lhe as chagas e enfaixava-as.

A exiguidade do alimento que lhe resta neste serviço e a imensidão da miséria sacodem violentamente a sua vontade, logo a partir dos primeiros dias. A fome e o cansaço tornam-se uma tentação. Julga que melhor seria regressar a St. Mary School. Mas consegue refrear tal pensamento.

Michael Gomes um funcionário do governo oferece-lhe dois quartos de sua casa lá entre as favelas. Teresa abarratou-os de doentes. Vindo dos bairros ricos visitam-na suas antigas alunas. Trazem-lhe ajuda e dinheiro ou em arroz.

A 19 de março, vem visitar aqueles dois quartos Shubashinidas uma moça elegante de 19 anos. Tinha sido sua aluna e pertencia a uma família católica muito rica “Quero trabalhar contigo em prol dos pobres – diz – mas não apenas durante algumas horas. Quero ficar para sempre, tal como tu”.

Teresa procura demovê-la, mostrando lhe as dificuldades horríveis como que irá se deparar. Dispõe o lindíssimo sari de seda, veste um de algodão branca igual ao de Teresa. E fica. É a primeira a chamá-la de “Madre Teresa”. Depois delas, outras mais



verão: cerca de novecentas. E o começo de uma vida de renúncia em prol dos pobres dos pobres.

Em pouco tempo, muito simpatizantes vieram ajuda-la e Madre Teresa organizou dispensários e escolas ao ar livre. Sua ordem fundou inúmeros centros para cegos, idosos, leprosos aleijados e moribundos e em 1950 recebeu sanção canônica do Papa Pio XII.

Hoje são 3.604 Irmãs professoras e 411 noviças, em seis noviciadas: Calcutá, Filipinas, Tanzânia, Polônia, Roma e Estados Unidos. As postulantes são 260. No total são 4.275 missionárias distribuídas em 119 países. As Irmãs pertencem a 79 nacionalidades. Ajudas de materiais, alimento e dinheiro chegam de todas as partes, o trabalho outrora pequeno agora alcança várias dimensões. Em 1979 Madre Tereza ganha o prêmio Nobel da paz entre outros prêmios.



SÃO FRANCISCO DE ASSIS

O nome João deriva do hebraico, “Jeová é cheio de graça”, através do grego Ioánnes, pelo latim Jo(h)annes. Filho de Zebedeu e irmão de Tiago, que foi morto no reinado de Herodes Agripa. Era filho de Salomé, irmã da mãe de Jesus, seu pai era pescador no Mar da Galiléia. A Tiago e João, Jesus chamou boanergens, filhos do trovão em virtude de seu temperamento forte. Embora rude, era profundamente afetivo, razão por que se tornou o discípulo que Jesus chamava predileto.

Esteve presente à transfiguração de Cristo, à sua agonia no Getsêmani participou da última ceia, e daí até o Calvário. Já crucificado, e quase a expirar, pediu-lhes Jesus que tomasse a seus cuidados a Maria. Foi dos que viram Jesus após a Ressurreição. Companheiro de Pedro no trabalho missionário, como este foi preso por ordem de autoridades judaicas. Esteve com o apóstolo Paulo quando este visitou Jerusalém após sua primeira viagem missionária. Teria terminado seu ministério Éfeso. Degredado na Ilha de Patmos, ali teria composto o Apocalipse, talvez no ano 95.

Cinco livros do Novo Testamento lhe são devidos; o quarto Evangelho, três epístolas e o Apocalipse. Segundo a unanimidade dos estudiosos, O Evangelho de João tem por fim precípua demonstrar a existência de uma Segunda pessoa em Jesus o Verbo, origem da vida universal e luz da criação “que se fez carne e habitou entre nós”.

Fonte: Biblioteca de Auxílio ao Sistema Educacional – volume 06

Apocalipse

“O Apocalipse representa a janela pela qual a humanidade restante poderá passar para o terceiro milênio e sentir nos moldes preceituados pelo Evangelho do



cristo. Nos últimos acontecimentos do orbe terrestres, que finalizarão os dois mil anos, nas grandes catástrofes físicas e morais, quem não tiver fé, dificilmente se salvará.

A salvação a que nos referimos é a estabilidade de consciência, é a paz interna no meio das tormentas que se aproximam. O Apocalipse é um aviso com dois mil anos de antecedência; todavia, o Evangelho, na sua retaguarda, nos fala do clima que poderemos formar em nós, afim de que não soframos os desastres coletivos.

Quem se apegar ao mor, aquele que universaliza todos os sentimentos, se livrará de rede selecionadora, que retirará uma grande cota do rebanho para mundos inferiores onde haverá prantos e ranger de dentes. Quem não acreditar, e cruzar os braços diante do Cristo, dará sinal de que pertence às sombras, e para elas será entregue, pela sintonia do coração. Não cai, neste sentido, haver opressão em oprimidos, nem tampouco divisões por qualidade, pois cada um receberá o que realmente merecer, essa é a lei da justiça.”

Fonte: Francisco de Assis – João Nunes Maia // espírito: Miramez



Maomé

Fundador do islamismo, doutrina religiosa também chamada muçulmanismo e maometismo, cujos numerosos crentes são conhecidos por maometanos, mulçumanos, mouros, mouriscos, sarracenos. Maomé é a forma ocidental do nome árabe *Mohammed*, que significa “o Louvado”, particípio da Segunda forma do verbo hamada. Nascido em Meca cerca do ano 571, morreu em Medina, em junho de 632. Eminentíssimo historiador assim lhe resume a biografia: “Da tribo dos Coraixitas, Maomé se tornou órfão e pobre muito cedo. Foi educado por um tio que o destinava ao comércio. O menino fugiu, e viveu como pastor até se tornar caravaneiro. Entrou ao serviço de uma viúva rica, Cádida, casou-se Maomé com mais de 14 mulheres. Morreu contudo, sem deixar filhos varões. Sua filha Fátima, conservou a herança familiar.

Maomé era acometido freqüentemente de um rápido mal-estar, que lhe trazia visões. Estimulado pelas visões acreditou ser o profeta destinado a pregar uma religião verdadeira, que trouxesse paz e felicidade aos homens na terra e no céu. Revelou sua missão a seus amigos, propagando-se uma nova doutrina entre as camadas mais baixas da população. Os coraixitas, guardões do santuário, repeliram Maomé, que fugiu para não ser morto. Esta fuga – Hégira – deu-se no ano de 622 de nossa era. Marca a data inicial para o maometanos. O profeta foi bem acolhido na cidade de Intreb, onde existiam muitos judeus.

Em homenagem ao profeta, os habitantes mudaram o nome da cidade, que passou a ser chamada Medina-el-Mandi, isto é, Cidade do Enviado. Inicou-se uma luta armada entre os coraixitas e os medinenses. Medina foi cercada. E, em defesa da cidade e da nova religião, Maomé declarou a “Guerra Santa”.



Ao morrer, 10 anos depois da Hégira, Maomé pôde contemplar toda a Arábia unificada pelo islamismo. Sua doutrina está contida no Corão e na Suna, ou “Tradição”, resumindo-se no mandamento *La Ilâha ila Âlah: Mohamed rasoul Âlah*: “Alá é o único Deus e Maomé o seu Profeta”.

Fonte: Biblioteca de Auxílio ao Sistema Educacional – volume 07

SÃO FRANCISCO DE ASSIS

Santo da Igreja Católica Romana. Canonizado a 04 de outubro. Nascido em 1181 ou 1182, morreu na mesma cidade em 1226. Quando nasceu o pai Pedro Bernardone, comerciante de tecidos, estava a negócios na França. Seguindo o costume de batizar logo as crianças, a mãe mandou batizá-lo e lhe deu o nome de João Batista. Mas, quando o pai chegou apelidou o filho de Francisco, em homenagem à França. E o apelido ficou. Criado com o bom e o melhor, cercado de amigos ricos, Francisco divertia a todos com seu bom humor, seu dinheiro, suas festas suas frivolidades. Forçado pelos desejos do pai, pensava em se tornar guerreiro e seguir pela bravura um título de nobreza, que o pai não lhe podia dar. Tinha quase vinte e cinco anos, segundo o seu primeiro biógrafo, quando deu uma virada na vida, vários episódios se somaram na decisão: a derrota na guerra contra Perusa, uma doença que se prolongou por meses, o encontro inesperado com um leproso e, sobretudo, a voz da consciência, voz de Deus, que chamava para uma missão especialíssima, a de reconstruir a Igreja, sem que ele percebesse, nos primeiros anos, o sentido do chamado e o caminho a seguir. Fez-se pobre entre os pobres.



Simple da maior simplicidade. Penitente rigoroso. Homem de paz em tempo de muita rixa. Irmão de todos, desde o verme da beira do caminho ao facão das montanhas; desde a pedra que recolhia para consertar a Igrejinha da Porciúncula até o sol “belo, forte e de grande esplendor; imagem do Deus Altíssimo”; desde Frei Leão seu companheiro fiel e inseparável até os ladrões salteados das encostas sombrias do Alverne.

Desde o Papa Inocêncio III, que lhe aprovou o modo de viver, até o Sultão Miramolim, a quem procurou no Marrocos para falar da paz. E passou à história como o Santo dos pobre, o Santo dos animais. O santo da paz, o Santo da fraternidade, o Santo da poesia, o Santo do presépio, o Santo das chagas, o mais santo entre os santos, um “quase Cristo redivivo”, na expressão do Papa Pio XI. O último título que Francisco recebeu foi o de “Santo da Ecologia”, por um decreto do Papa João II de 29 de novembro de 1979. Ecologia não apenas entendida como equilíbrio da Natureza, pacificado consigo mesmo, pacificado com os outros, pacificado com as criaturas irracionais, pacificado em sua dimensão para o transcendental”.

Fonte: Biblioteca de Auxílio ao Sistema Educacional – volume 05

Curiosidade: segundo a regra aprovada por em 1215 por Inocêncio III, os francicanos, para ensinarem os homens o desdém pelas riquezas, são obrigados a observar em si mesmos uma pobreza absoluta, devendo viver de esmolas e pregar o Evangelho aos pobres. Vestidos com um hábito de burel, cinzento ou de cor mais ou menos carregada, cintados com uma longa corda com nós, os francicanos só possuem, por calçados, sandálias de couro. A primeira capela erguida no Brasil, em Porto Seguro, foi dedicada a São Francisco. Até hoje se conserva no alto-mar da Igreja de Nossa Senhora da Penha, na cidade histórica de Porto Seguro, a imagem de São Francisco que estava no altar da primitiva capela.



Fonte: Biblioteca de Auxilio ao Sistema Educacional – volume 05



ANÁLIA FRANCO

Anália Franco foi uma notabilíssima mulher brasileira, cujo nome aureolado de glórias e de bênçãos, permanece indelével nos anais da História Pátria, com assinalados serviços à sagrada causa da educação e da instrução das classes menos favorecidas.

Anália Emília Franco nasceu em Resende (RJ), a 1º de Fevereiro de 1856, falecendo na capital de São Paulo aos 20 de janeiro de 1919.

Quando tinha cinco anos, seus pais Antônio Maria Franco e Teresa Franco, mudaram-se para São Paulo. Com doze anos já auxiliava sua mãe no magistério, com ela colaborava em diversos colégios, nas cidades de Garatinguetá e Jacareí e no Arraial Minas (Município de Dois Córregos).

Mais tarde, ingressou na Escola Normal Secundária, de São Paulo, diplomando-se professora. Dedicou-se de corpo e alma ao magistério público, logo se destacando pelo seu ato tino pedagógico e pelo extremado carinho para com os alunos. Alguns anos depois , fundava na cidade de São Carlos um colégio (internato e externato) de ensino primário e secundário denominando-se Santa Cecília. Em Taubaté iniciou-se no jornalismo, colaborando no jornal literário A Família e no Eco das Damas ambos do Rio de Janeiro.

No ano de 1901 na data de 17 de novembro, Anália Emília Franco inaugurava com estatutos aprovados em Assembléia Geral a Associação Feminina Benficiente e Instrutiva do Estado de São Paulo. Destinada de início a amparar, instruir e educar as crianças pobres e indigente da capital paulista , sem qualquer distinção de crença ou raça, essa Associação Feminina teve em sua presidência de 1901 a 1919, a grande benfeitora Anália Franco, que, reagindo contra o indiferentismo do meio, tomou a si, com a Fé e a energia de um apóstolo, a sagrada tarefa de erradicar o analfabetismo e combater a miséria e ignorância que flagelam as ínfimas camadas sociais.

O fim mais elevado da Associação era reunir em torno de uma idéia santa todas as senhoras de inteligência e boa vontade, para trabalharem de comum acordo no bem social. Ao que tudo indica, a essa época Anália Franco já era espírita, mas extremamente liberal e tolerante, tanto assim que à sua obra jamais imprimiu caráter nitidamente espírita, mesmo porque, conforme ela própria explicava, recebendo a Associação crianças de todas as crenças religiosas bastava o ensino das verdades fundamentais das religiões em geral, como a existência de Deus, a imortalidade da alma e o ensino da mais pura moral, para



despertar no coração delas a atividade espiritual no sentido do *AMOR A DEUS E AO PRÓXIMO*. Para Anália Franco: “*CONCEBER O BEM NÃO BASTA, É PRECISO FAZÊ-LO FRUTIFICAR!*”.

Seis anos depois de fundada a Associação Feminina Beneficente já mantinha 22 Escolas Maternais e 2 noturnas, só na capital paulista, enquanto cinco escolas maternais funcionavam no interior do Estado bandeirante. Todas ministravam a instrução e a educação a cerca de 2000 crianças pobres. Afora isso, estava em pleno funcionamento um Liceu Feminino Noturno na cidade de São Paulo, com uma freqüência de mais de 100 alunos, e outro em Santos. Os cursos do referido Liceu Feminino que igualmente formavam professoras para as escolas maternais, foram inaugurados em 25 de Janeiro de 1902. As professoras de todas as casas de ensino geralmente normalistas, trabalhavam gratuitamente na benemérita cruzada dirigida por Anália Franco, a Alma mater da Instituição, a quem nunca faltou o incentivo de respeitáveis órgãos da imprensa brasileira.

A grande benfeitora encontrou sempre a defesa esclarecida, justa e espontânea, por parte da imprensa digna, quer da capital e cidades do interior do Estado de São Paulo, quer de outros Estados do Brasil. Já alguns jornais católicos, sabendo que Anália Franco era espírita, não poupavam a ela e à sua obra críticas mordazes. Todo o notável trabalho desenvolvido pro Anália Franco manteve-se, no começo, não à custa dos cofres públicos, mas da benevolência popular e de um grupo de sócios e benfeitores que supriam as necessidades da Instituição. As próprias diretoras deram inúmeras provas de boa vontade para o engrandecimento da obra e Anália Franco empregava parte dos seus vencimentos de professora pública nas despesas inadiáveis.

Em 1º de março de 1903 sai o primeiro número da Revista da Associação Feminina, órgão literário e educativo fundado e dirigido por Anália Franco. Concretizando um sonho de muitos anos, Anália Franco criava, afinal, em meados de 1903, um Asilo- Creche, o primeiro de outros futuros espalhados por diversas cidades. Nessa nova organização, eram amparadas as viúvas, as mães abandonadas e seus filhos, os órfãos em geral, etc. Com o correr do tempo, Anália ali montaria oficinas de tipografia, de costura, de flores artificiais, de chapéus, bem como daria aulas de música, de escrituração mercantil, etc. “O nosso fim – esclarecia ela – é procurar diminuir cada vez mais em nosso meio a necessidade da esmola, pelo desenvolvimento da educação e do trabalho, de que provêm o bem-estar e a moralidade das classes pobres.” Anália Franco sempre frisava a necessidade de educar e amparar as pobres crianças que necessitam de auxílio: arrancando-s das trilhas dos vícios, tornando-as cidadãos úteis e dignos para o engrandecimento de nossa Pátria.



Pelo espaço de 15 anos, Anália dirigiu a Revista A Voz MaternaL, por ela mesma fundada em 1903. Era impressa por um grupo de asiladas e chegou a ter a tiragem mensal de 6.000 exemplares, bem grande para a época. Nas páginas desse periódico ela não se cansou de falar à alma feminina, despertando-lhe o interesse pelas questões sociais máxime para o problema a alfabetização e educação da criança.

A Fé e a dedicação de Anália Franco não esmoreceram jamais. O Trabalho era a essência mesma de sua vida. Estava sempre a idealizar novos planos em benefício da criatura humana. Outros empreendimentos vieram juntar-se aos que havia anos, produziam apreciáveis frutos. Surge um Albergue Diurno, aos cuidados do qual ficavam os filhos das mulheres que trabalhavam fora de casa e que não tinham onde deixa-los. Cresceu a Biblioteca Escolar da Associação, com novos e valiosos donativos em livros didáticos, ofertados até pelo governo estadual. Abriu-se um Escola Noturna para analfabetos adultos. No Asilo – Creche foram instalados novos e diferentes cursos para as asiladas, inclusive de enfermagem, preocupando-se Anália Franco com o ensino profissional entre as internadas, a fim de que uma dia, quando houvessem de deixar aquele estabelecimento, para enfrentar o mundo, não lhes faltasse um ganha- pão honesto.

Em 1906, devido a grandes dificuldades financeiras Anália Franco abria o Bazar da Caridade para a venda ao público dos trabalhos manufaturados no Asilo.

Um pouco mais tarde, após passar essa fase de desequilíbrio Anália Franco adquiriu a baixo preço, em prestações, uma fazenda situada no bairro da Mooca, na cidade de São Paulo, e ali instalou a Colônia Regeneradora D. Romualdo. Esta Colônia abrigou, a princípio, mulheres arrependidas, nelas se inculindo as virtudes que enobrecem e o Amor ao Trabalho, preparando-as, através de diferentes ofícios ministrados por professoras especializadas, para vencerem dignamente na vida. Dessa casa benfazeja saíram centenas de criaturas regeneradas, e ali se organizou excelente Grupo Dramático Musical e uma Orquestra.

Em 1914, Anália Franco criava a Liga Educativa Maria de Nazaré, destinada a auxiliar nas localidades do interior do Estado de São Paulo, as escolas maternas, creches, asilos e colônias fundadas pela Associação Feminina Beneficente e Instrutiva. Era bem animadora a situação geral, com perto de trinta Escolas Maternas funcionando só na capital de São Paulo, e com Asilos, Creches e Escolas espalhados em mais de vinte cidades dos Estados de São Paulo e Minas Gerais, totalizando, segundo alguns biógrafos (entre os quais o próprio esposo de Anália, senhor Francisco Bastos), a casa de setenta (70) instituições supervisionadas por Anália Franco, quando irrompeu a Primeira Guerra Mundial. O Brasil imediatamente sentiu-lhe os reflexos em sua vida econômica. Medidas severas de poupança



foram ordenadas pelo Governo, com acentuada redução das subvenções às entidades assistenciais. Os preços das mercadorias subiram assustadoramente, devorando as economias populares.

Na mesma proporção, diminuíram os auxílios particulares que as instituições de Anália Franco recebiam. Nessa ocasião, com a grave responsabilidade da manutenção de centenas de crianças, e com o espírito angustiado ante a idéia de que a fome viesse bater às portas das casas de recolhimento dos seus protegidos, Anália Franco não se deixou abater e, apesar dos seus 58 anos de idade, lançou mão de todos os meios para que o pão não faltasse à sua grande família espiritual.

Organizou festas, instituiu junto a velhas amigadas, bateu a todas as portas e, por algum tempo, conseguiu remediar a situação. Mas esses recursos chegaram ao fim, e a bolsa do povo estava esgotada. Não fosse Anália Franco um espírito forte, iria entregar as chaves de suas escolas e asilos ao Governo, para que este providenciasse a alimentação das crianças. Ela, porém, não procedeu assim. Em tal emergência, fez o seguinte: acompanhada do corpo docente do Asilo- Creche, do seu esposo Francisco Antônio Bastos homem dedicadíssimo à obra da “ Associação Feminina”, da Banda Feminina “ Regente Feijó” e do Grupo Dramático Musical da Colônia Regeneradora D. Romualdo, Anália Franco foi, numa ronda da caridade, percorrer várias cidades de São Paulo e vilarejos remotos, objetivando angariar donativos para suprir as prementes necessidades da Associação. Encontrando, em todas as localidades, carinhosa acolhida por parte das autoridades e do povo em geral, Anália Franco pode amealhar alguns recursos para minorar a situação.

“ A CARIDADE QUANDO VERDADEIRA UNE OS CORAÇÕES E OS TRANSPORTA AO CRIADOR.”

O mundo convulsionado pela guerra iria passar por outra “desgraça” próxima. Mortífera pandemia de gripe surgiu na Europa e em pouco tempo atingia o Brasil com o nome de “ Gripe Espanhola “ . Houve em 1918, terrível mortandade em São Paulo. Caíram doentes todas as asiladas. Evaziaram-se as escolas, sem possibilidades financeiras para melhor atender às suas doentinhas, ela se confia a Deus e põe-se a trata – lãs com passes, água efluviada e algum chazinho caseiro. Com a ajuda do Alto, conseguiu salvar todas elas, à exceção de quatro ou cinco meninas, que haviam sido entregues aos seus cuidados já bastante debilitadas.

Malgrado todos esses dolorosos contratemplos, a valorosa missionária paulista nutria ainda o grande desejo de criar um asilo e colégio na cidade de Uberaba (MG). Animava-a



também a resolução de ir ao Rio de Janeiro, a fim de aí fundar um estabelecimento de educação, em moldes puramente espíritas.

As noites passadas em claro, junto aos filhos de sua grande família, os angustiantes problemas que pesavam sobre sua alma, tudo isso concorreu para enfraquecer-lhe as forças orgânicas, levando-a a desencarnar na capital de São Paulo, aos 20 de Janeiro de 1919.

Anália Franco não conseguiu assim, ela mesma concretizar as suas últimas vontades. Fé-lo, em Uberaba, a Prof^a Clélia Rocha, transferindo o seu Orfanato de Dourados para aquela cidade mineira. E mais tarde, o esposo de Anália, Antônio Bastos, funda no Rio de Janeiro o Asilo de Órfãos Anália Franco, posteriormente denominado, até os dias de hoje, Lar Anália Franco.

Paciente, carinhosa, humilde, dedicadíssima ao Bem do Próximo, assim era Anália Franco. Não teve filhos, mas foi uma grande Mãe. À sua energia e dinamismo aliava um espírito grandemente compreensivo e meigo. Declarava certa vez que o valor da mulher “não se afere pela beleza aparente e atrativos exteriores, mas sim, pelos grandes ideais que lhe enchem o cérebro e pelos nobres sentimentos que lhe impulsionavam o coração.

Anália Franco além de emérita educadora, altamente humanitária e civilizadora, revelou-se também como jornalista, poetisa, romancista, musicista, teatróloga, contista e conferencista. Fundou e redigiu vários periódicos educativos, cujos nomes já foram referidos anteriormente, tendo colaborado em publicações como : A Semana, de Valentim Magalhães, A Família e o Eco das Damas, todas três do Rio de Janeiro, A Educação, de São Paulo, o Almanaque das Senhoras, de Lisboa, e em jornais de inúmeras cidades do interior do Estado de São Paulo.

Escreveu os romances: “ A Égide Materna”, “ A Filha Adotiva” e “ A Filha do Artista”.

Autora de poesias, comédias, diálogos, operetas, canções, cançõnetas, dramatizações escolares e contos cômicos, tudo produziu com o objetivo e distrair e educar os asilados.

Das peças para teatro que escreveu, levadas à cena nos teatrinhos das suas instituições de São Paulo e de cidades do interior do Estado podemos citar: “ A Escolinha em, 1 ato”; A Feiticeira, drama em três atos; A Caipirinha, comédia em 1 ato, etc.

É vasta a sua produção de obras didáticas entre os quais : “ Manual das Mães”, “ Lições aos Pequenininos “ e “ Manual para as Creches”. Elaborou também, as Primeiras e Segundas Lições para as escolas Maternais.



“ Depois do pensamento e da palavra de Deus- salientou Anália Franco- nada é mais belo e mais nobre do que a missão do verdadeiro educador da infância”.

“ A abnegação, o desinteresse e o sacrifício devem ser a única divisa da pessoa a quem Deus e a sociedade concederam tantas prerrogativas. O seu ministério, toda moral e a dignidade das suas funções medem-se pela profundidade das suas responsabilidades”.

“ O mais sagrado de todos os interesses sociais é a educação popular, e é por isso que os espíritos verdadeiramente humanitários consideram esta missão como um dos poderosos meios de fazer o bem “.

Anália Franco pode e deve ser considerada uma PESCADORA DE ALMA, porque a sua missão na Terra foi sempre um verdadeiro e constante EVANGELHO DE BENEFICÊNCIA E BONDADE, fazendo jus ao cognome que lhe deram:

“ANJO DA CARIDADE”.

(Anália Franco- Um anjo da Caridade)

A MOISÉS E A PRIMEIRA REVELAÇÃO

Em Moisés vamos encontrar o grande legislador hebreu saturando-se de todos os conhecimentos iniciáticos, no Egito antigo, onde o seu Espírito recebeu primorosa educação à sombra do prestígio de Termútis, cuja caridade fraterna o recolhera.

Moisés, na sua qualidade de mensageiro do Divino Mestre, procura então concentrar o seu povo para a grande jornada em busca da terra prometida. Médium extraordinário, realiza grandes feitos ante os seus irmãos e companheiros maravilhados.

A história de Moisés inicia-se quando ele assassina um egípcio por vê-lo maltratar hebreus. Temendo a perseguição do faraó, foge para a terra de Madiã, ou seja em direção ao Oriente, a Leste do golfo de Akaba, para junto de seus ancestrais.

Nesta terra, chamada de "Terra dos forjadores de cobre", Moisés vivia uma vida tranqüila, apascentando ovelhas,



quando certo dia, passando pelo Monte Horeb teve a visão, a se manifestar através de uma chama de fogo que saía do meio de uma sarça. Por meio desta visão, Moisés compreendeu que o povo judeu sofria no Egito, mesmo após a morte do faraó, e que deveria libertá-lo do cativoiro.

Moisés liberta seu povo às custas de enormes sacrifícios e amparado pelos prodigiosos dons mediúnicos que possuía. Finalmente, Moisés, tendo convocado os anciãos de Israel, recordou-lhes o Deus único, no qual formavam uma só nação: O Deus, que prometia livrá-los pelo braço poderoso e fazer deles o seu povo; exortou-os então a sair com ele do Egito.

As dificuldades de Moisés - A vida e missão de Moisés não foram fáceis; ao contrário, cheias de tribulações, traições e desconfianças. Por muitas vezes, Israel

demonstrou não ter confiança no poder salvador de seu Deus, tanto que desobedeceu aos mandamentos e rejeitou a liderança de Deus ao rebelar-se contra Moisés. A própria família de Moisés o abandonou: o que é provado pela fraqueza de Aarão (seu irmão) no caso do bezerro de ouro (Êxodo - 32:1 seg, 21). Grande, no entanto, era a mansidão e longanimidade de Moisés em meio a tudo isso (Números - 12:3). Além de um líder autêntico, foi também grande legislador e lúcido profeta.

Ele foi chamado por Deus (Êxodo - 03: 01, 4:17) não apenas para conduzir o povo de Israel para fora da escravidão, mas igualmente para tornar conhecida a vontade de Deus. E foi isso que fez na comunicação dos mandamentos.

Devido a esses aspectos abordados, fica claro que na Lei Mosaica, há duas partes distintas: a Lei de Deus, promulgada no Monte Sinai, e a Lei Civil ou disciplinar, decretada por Moisés. Uma é invariável, a outra, apropriada aos costumes e ao caráter do povo, se modifica com o tempo.

Deus é único e Moisés é o Espírito que Ele enviou em missão para torná-lo conhecido não só dos Hebreus, como também dos povos pagãos. O povo Hebreu foi o instrumento de que se serviu Deus para se revelar por Moisés e pelos profetas e, as vicissitudes por que passou esse povo destinavam-se a chamar a atenção geral e a fazer cair o véu que ocultava aos homens a divindade.

A Lei Mosaica - Moisés a decretou, por se ver obrigado a conter, pelo temor, um povo em seu natural turbulento e indisciplinado estado, tendo ele que combater arraigados abusos e preconceitos adquiridos durante a escravidão no Egito. Para imprimir autoridade



às suas leis, houve de lhes atribuir origem divina, conforme o fizeram todos os legisladores dos povos primitivos. As leis mosaicas, propriamente ditas, revestiam-se, pois, de um caráter essencialmente transitório.

A Morte de Moisés - Moisés subiu das estepes de Moab para o monte Nebo, ao cume do Fasga, que está diante de Jericó. E Deus mostrou-lhe toda a terra e disse-lhe:

"Esta é a terra que, sob juramento, prometi a Abraão , Isaac e Jacó; "Eu a darei à tua descendência. Eu a mostrei aos teus olhos; tu, porém, não atravessarás para lá".

Moisés, o servo de Deus, morreu ali mesmo, na terra de Moab, conforme a palavra de Deus e, nesse mesmo local foi sepultado, porém, até hoje ninguém sabe onde é sua sepultura. Embora tendo cento e vinte anos quando morreu, sua vista não havia enfraquecido e seu vigor não se esgotara.

E em Israel, nunca mais surgiu um profeta como Moisés, a quem Deus conhecia face-a-face, seja por todos os sinais e prodígios que Deus mandou realizar na terra do Egito, contra o Faraó, contra todos os seus servidores e toda a terra, seja pela mão forte e por todos os feitos grandiosos e terríveis que Moisés realizou aos olhos de Israel. (Deuteronômio, 34).

Os Mandamentos da Lei de Deus:

Os mandamentos de Deus, dados por intermédios de Moisés, contém o gérmen da mais ampla moral cristã. Os comentários da Bíblia, porém, restringiam-lhe o sentido, porque, pela falta de compreensão e entendimento à época, não poderiam ser praticados em toda a sua pureza. Mas, nem por isso, os Dez Mandamentos de Deus deixaram de ser aquela fachada brilhante, qual farol destinado a clarear a estrada que a humanidade deveria percorrer.

A Lei de Deus está formulada nos Dez Mandamentos seguintes:



I *Eu sou o senhor, vosso Deus, que vos tirei do Egito, da casa da servidão. Não tereis, diante de mim outros deuses estrangeiros. Não fareis imagem esculpida, nem figura alguma do que está em cima do céu, nem embaixo na terra, nem do que quer que esteja nas águas sob a terra. Não adorareis e não prestareis culto soberano.*

II *Não pronunciareis em vão o nome do Senhor, vosso Deus.*

III *Lembraí de santificar o dia de sábado.*

IV *Honrai vosso pai e vossa mãe, a fim de viverdes longo tempo na terra que o senhor vosso Deus vos dará.*

V *Não mateis.*

VI *Não cometais adultério.*

VII *Não roubeis.*

VIII *Não prestais falso testemunho contra o vosso próximo.*

IX *Não desejeis a mulher do vosso próximo.*

X *Não cobiceis a casa do vosso próximo, nem o seu servo,*



nem a sua serva, nem o seu boi, nem o seu asno, nem qualquer das coisas que lhe pertençam.

A autoridade do homem precisava apoiar-se na autoridade de Deus; mas, só a idéia de um Deus terrível podia impressionar criaturas ignorantes, em as quais ainda pouco desenvolvidos se encontravam o senso moral e sentimento de uma justiça reta. É evidente que aquele que incluía, entre os seus mandamentos, este: " Não matareis, Não causareis dano ao vosso próximo" não poderia contradizer-se, fazendo da exterminação um dever. As leis mosaicas, propriamente ditas, revestiam-se de um caráter essencialmente transitório.



JESUS O MESSIAS ESPERADO PELO POVO JUDEU

CRISTO- O Cristo veio trazer ao mundo fundamentos eternos da verdade e do amor. Combateu pacificamente todas as violências oficiais do judaísmo, renovando a Lei Antiga com a doutrina do esclarecimento, da tolerância e do perdão.

Jesus veio ao mundo como profetizou Isaías, fazer raiar a luz aos que se achavam na região da morte: dar crença aos que não a tinham, guiar os que se haviam perdido e se achavam desviados da Estrada da vida, finalmente apresentar-se a todos como o Modelo, o Paradigma, o Enviado de Deus, o único Mestre capaz de legar um ensino puro e perfeito, o verdadeiro representante da Verdade que redime e salva. Daí a sua sentença: Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida; ninguém vem ao Pai senão por Mim." (João, 14:06)

Descendo de Esfera Superior, em tal missão, Jesus surgiu à face da Terra, não entre sedas e alabastros, mas em humílima e tosca estrebaria.

Mal descerrara os olhos na penumbra deste mundo, foi constrangido a fugir, para resguardar-se da fúria sanguinolenta de Herodes.

Apresentando-se como o Messias anunciado pelos profetas da antigüidade foi recebido com desconfiança, até por

João Batista, o precursor, que enviou dois de seus emissários para saberem se era realmente ele, o esperado Filho de Deus. Iniciando a pregação do reino do céu, não conseguiu o entendimento imediato nem mesmo de seus discípulos.

A Simplicidade - Deve-se ressaltar a extrema simplicidade, a completa humildade, o desprendimento, a singeleza que marcou a sua presença e o seu messianato neste mundo. Nada possuiu de material, nenhum dinheiro, nenhum bem. Cercou-se da gente mais inculta de um povo social e politicamente subjugado. Falou sempre na linguagem mais simples que alguém jamais usou e sem nada ter escrito com suas próprias mãos, tudo deixou registrado no coração e na memória dos que lhe ouviram a palavra e testemunharam o seu exemplo. Não teve diploma de escolaridade, foi coroado de espinhos, publicamente açoitado, e finalmente pregado como infame. Desta forma se apresentando e assim agindo, dividiu as eras terrestres em antes e depois d'Ele, como ninguém jamais o fez, permanecendo para



sempre como a maior presença , o mais alto marco de toda a História Humana, em todas as épocas.

A Espera - O povo Judeu aguardava ansiosamente um Messias que o libertasse do jugo de Roma. A verdade,

porém, é que Jesus chegando ao mundo não foi absolutamente compreendido pelo povo Judeu. Segundo a

sua concepção, o Senhor deveria chegar em magnífico carro, e que deveria humilhar todos os reis do mundo.

Mas Jesus chega humilde entre os animais de uma manjedoura, vem filho de carpinteiro e, durante sua missão, busca os fracos, os oprimidos, os sofredores de toda a sorte.

Houve, porém, muitos que o reconheceram como o Messias anunciado pelos profetas da antigüidade, pelos judeus.

Entre eles destacam-se aqueles que se tornariam seus discípulos mais tarde, apóstolos e seguidores. O próprio Jesus em diversas ocasiões, afirma ser ele o enviado de

Deus.

"Quem quer que me receba, recebe aquele que me enviou" (Lucas - 9: 48);

"Aquele que despreza, despreza aquele que me enviou. (Lucas - 10:16);

"Aquele que me recebe não recebe a mim mas àquele que me enviou. (Marcos - 9:37)

.

Os Evangelhos

Cerne doutrinário do Cristianismo, contém aspectos da biografia terrena de Jesus Cristo e seus principais ensinamentos de caráter moral, coligidos segundo informações de Mateus, Marcos, Lucas e João.



Cristo nada escreveu. Suas palavras, disseminadas ao longo dos caminhos, foram transmitidas de boca em boca e, posteriormente, transcritas em diferentes épocas, muito tempo depois da sua morte. Uma tradição religiosa popular formou-se pouco a pouco, tradição esta que sofreu constante evolução até o séc. IV .

Mateus e João, discípulos diretos, de contato pessoal com o Mestre, escreveram respectivamente em hebraico e em grego;

Marcos e Lucas, ambos em grego, o primeiro transmitindo reminiscências de Pedro apóstolo, o segundo investigando e recolhendo por via indireta. Harmonizam-se os quatro textos num todo orgânico, composto sem acomodações sob inspiração mediúnica, cujo influxo não derogou a liberdade volitiva e os pendores psíquicos:

Mateus - pode-se caracterizar como um drama em sete atos sobre a vinda do Reino dos Céus: - Seus preparativos na pessoa do Messias menino; a promulgação do seu programa; diante dos discípulos e do povo; no Sermão da montanha; menosprezado funcionário, atende ao aceno do novo chefe

e nele passa a vislumbrar o diretor supremo; o rei em nomenclatura humana, embora ao nível de "reino do céu".

Marcos - escreve num estilo mais áspero, cheio de aramaismo e muitas vezes incorreto, mais impulsivo e de vivacidade popular cheia de encanto. atemorizado quando jovem com a intensidade da tarefa, sublima depois em Jesus o servo incansável, paradigma da fraternidade as serviço divino;

Lucas - mais intelectualizado, pesquisador do pretérito e analista do futuro, apresenta Jesus como entidade imaculada, presa pela genealogia ao pai Adão, porém subtraída ao pecado pela redenção no Pai Criador;



EDUCADORES

Com os acontecimentos aterrorizantes que ocorriam na Europa nos séculos: XV a XVII devido a Inquisição da Igreja Católica, (...) fez com que o Divino Mestre enviasse Espíritos a partir do século XVIII para renovar os pensamentos europeus.

Os Espíritos que encarnam na Terra, na porção europeia com a missão de educar, destacaram com os nomes a seguir:

JEAN JACQUES ROUSSEAU (1712 – 1778) através de uma reforma educacional, no qual baseava os seus estudos na atividade do desenvolvimento natural da criança, antecedendo a psicologia infantil.

JOHAM HEINRICH PESTALOZZI (1746 – 1827), que em sua visão analisava o homem como um Espírito imortal que guarda consigo um germe interior, que desenvolve a suas potencialidades como faculdades inerentes ao ser humano.

Destaca também as etapas morais do homem partindo do estado primitivo ao estado consciente da razão social, desenvolvendo consequentemente as moral.

FRIEDRICH FROEBEL (1782 – 1852) foi o criador dos jardins de infância, no qual o seu pensamento destacava a importância da aprendizagem em etapas, quer dizer a criança se desenvolve em estágios que parte da sensação à inteligência perspectiva racional .

Jesus e seus ajudantes não paravam de enviar missionários na porção europeia, pois no século XIX e XX continuaram desenvolvendo a educação no mundo com as personalidades:

RUDOLF STEINER (1861 – 1925) criador da pedagogia e da antroposofia, no qual destaca a importância de se trabalhar a vida sentimental da criança, valorizando a sua mente criadora e elevando seus esforços para a criação. Diz também “a criança não pode pensar ou aprender sem que esteja engajada emocionalmente.”

CÉLESTIN FREINET (1896 – 1966)

JEAN PEAGET (1896 – 1980)

(CAPACITAÇÃO PARA INSTRUTORES DA ÁREA INFANTO – JUVENIL – Karina D'abadia Rodrigues – Carolina de Castro Costa – Pag. 23-24)





EDUCAÇÃO

È pela educação, mais do que pela instrução, que se transformará a Humanidade. Embora na linguagem escrita e falada se confundam os vocábulos educação e instrução, usando-se comumente o primeiro pelo segundo, eles se diferenciam em seus significados, e Rivail sabia disso, como é exemplo o final do trecho que acabamos de transcrever.

A respeito desses dois vocábulos, eis como se expressou A. Cochin: “A instrução é mais especialmente a aprendizagem da ciência, a educação é a aprendizagem da vida; a instrução desenvolve e enriquece a inteligência, a educação dirige e fortifica o coração; a instrução forma o talento; a educação, o caráter. A missão da educação é mais elevada, mais

difícil a sua arte. ”

(ALLAN KARDEC Vol. I – Zêus Wantuil e Francisco Tiesen – pag. 140)

INSTITUTO DE YVERDON

Com a idade de dez anos, seus pais o enviam a Yverdon, cidade Suíça..., a fim de completar e enriquecer sua bagagem escolar no célebre Instituto de Educação ali instalado, em 1805, pelo professor-filantropo João Henrique Pestalozzi.

Uma média de 150 alunos internos (a maioria) e externos, metade dos quais estrangeiros, isto é, não suíços, aprendiam com Pestalozzi que “ o amor é o eterno fundamento da educação”.

(ALLAN KARDEC Vol. I – Zêus Wantuil e Francisco Tiesen – pag. 32-36)

“Não havia castigos nem recompensas. Pestalozzi não queria a emulação nem o medo. Só admitia a disciplina do dever, ou melhor, a da afeição, do amor”. Além de receberem excelente preparo físico, intelectual e moral, os escolares eram igualmente educados para a vida em sociedade, de modo a poderem enfrentar o mundo em qualquer situação ou circunstância. “o ensino ali era essencialmente heurístico, isto é, o aluno é conduzido a descobrir por si mesmo, tanto quanto possível por seu esforço pessoal, as coisas que estão ao alcance de sua inteligência, em vez de elas lhe serem ministradas dogmaticamente pelo método catequético”. Insignes mestres, que de perto acompanhavam o ensino realizado em Yverdon, afirmaram que as crianças adquiriam, num ano, mais conhecimentos reais do que em dois ou três anos pelos métodos antigos.

(ALLAN KARDEC Vol. I – Zêus Wantuil e Francisco Tiesen – pag. 40-42)



O Instituto de Yverdon ocupava-se em formar homens sãos e robustos, bons e virtuosos, dotados dos conhecimentos essenciais às relações humanas. Diz um dos discípulos de Pestalozzi que as atividades diárias no Instituto , sempre repletas, ativas e fecundas, fortificavam o corpo das crianças, exercitavam ao mesmo tempo a atenção, a observação e o julgamento, nutriam o espírito, moralizavam o coração e todos os hábitos, vivificavam a alma, penetravam a intimidade do sentimento, elevavam o pensamento, cultivavam, ampliavam, desenvolviam e mantinham em equilíbrio e harmonia todas as faculdades. Tudo isso era conseguido dentro de uma plena liberdade, sob uma dependência personificada pela razão e pela bondade. O professor limitava-se a seguir e a secundar o aluno em seu autodesenvolvimento, sem forçar-lhe a natureza própria. De certo modo, mais do que à instrução, dava-se maior atenção ao desenvolvimento das faculdades do espírito.
(ALLAN KARDEC Vol. I – Zêus Wantuil e Francisco Tiesen – pag. 47)

PESTALOZZI

Na verdade, cristão ele foi a vida toda, como o demonstram seus estabelecimentos e discursos, suas obras, lições e cartas, tudo “inspirado na fé religiosa mais constante”, mas “o seu cristianismo” – “ era livre de qualquer dogma. O seu espírito era dotado de extrema tolerância para com as crenças dos outros. A verdadeira religião, dizia Pestalozzi, não é outra coisa senão a moralidade. Para ele, os exemplos, a vivência dos princípios cristãos é que teriam a força de conduzir, de modo frutificativo, a infância e a juventude ao fiel cumprimento de seus deveres individuais e coletivos. Interessando ao mestre suíço quase que apenas o ensino moral contido nos Evangelhos, que, como diria Kardec, é livre de controvérsias e é aceito universalmente, achavam que isso é suficiente para alguém ser cristão.
(ALLAN KARDEC Vol. I – Zêus Wantuil e Francisco Tiesen – pag. 71-73)

RIVAIL E A EDUCAÇÃO

Allan Kardec nasceu em Lyon (França), a 3 de outubro de 1804 e foi registrado sob o nome de Hippolyte Léon Denizard Rivail.
Desencarnou ALLAN KARDEC aos 31 de março de 1869, em Paris com a idade de 65 anos incompletos.



Rivail, desde os quatorze anos de idade, ensinava aos seus discípulos menos instruídos, ou mais novos, as lições dos mestres, ensaiando-se, assim, em “colaborador” do Instituto.
(ALLAN KARDEC Vol. I – Zêus Wantuil e Francisco Tiesen – pag. 62)

Com catorze anos, Rivail já legava à Humanidade bela contribuição: para os seus discípulos menos adiantados abriu cursos, nos quais ensinava o que ia aprendendo, nos momentos que lhe eram reservados ao descanso. Revelou-se um semeador que bem cedo sentiu a lição da fraternidade, exemplificada pelo seu mestre.
(Grandes Espíritos do Brasil – Zêus Wantuil – pag 17)

Obtendo isenção do serviço militar, Rivail deixou a Suíça e rumou para a cosmopolita capital francesa, (...) Além de continuar seus estudos, dedicou-se à educação, e suas obras alcançaram tal êxito, que logo se tornou uma figura popular, querida e elogiada.(...) Ao mesmo tempo que lecionava, prosseguia escrevendo, nas poucas horas que lhe sobravam, páginas e mais páginas relacionadas com as questões educacionais.
(Grandes Espíritos do Brasil – Zêus Wantuil – pag 21)

Tornou-se educador e entusiasta do ensino, tendo sido várias vezes convidado por Pestalozzi para assumir a direção da escola, na sua ausência. Durante 30 anos (de 1824 a 1854), dedicou-se inteiramente ao ensino e foi autor de várias obras didáticas, que em muito contribuíram para o progresso de educação, naquela época.
(www.universoespirita.org.br - União das Sociedades Espíritas do Estado de São Paulo)

O laborioso instrutor-filantropo tudo fazia para facilitar aos alunos o aprendizado das matérias que geralmente causam certo cansaço cerebral. Evitava todo as abstrações e tudo quanto pudesse criar confusão nas mentes juvenis. Com engenho e arte, arquitetava, então, métodos e processos especiais, tendo em vista obter maior rendimento do aluno, com o menor dispêndio de energias intelectuais por este último. Procurava, a todo o transe, impedir que a criança viesse a sofrer, no futuro, de lamentáveis complexos de inferioridade, ao mesmo tempo que punha por terra a ojeriza que certas disciplinas escolares inspiram nos estudantes.
(ALLAN KARDEC Vol. I – Zêus Wantuil e Francisco Tiesen – pag. 149)

(...) para todo homem que pensa, que ama a Humanidade, que crê em sua reforma, em seus progressos, que tem fé em Deus e em seus desígnios soberanamente bons, a educação foi sempre e é mais que nunca a grande questão, a suprema esperança, a



salvação da posteridade. Rivail fora um destes homens, e, como Pestalozzi, regeu sua vida pelo lema – tudo para os outros, nada para si mesmo. Durante toda a sua existência procurou educar, educar sempre, intelectualmente e moralmente, objetivando a construção de um mundo melhor.

Hipplyte Léon Denizard Rivail, antes que o Espiritismo lhe popularizasse e imortalizasse o pseudônimo de Allan Kardec, já se havia, pois, firmado bem alto no conceito do povo francês, como distinguido mestre da Pedagogia moderna. Durante a vida inteira regeu suas ações por três virtudes: Trabalho, Solidariedade, Tolerância. Foi o lema adotado pela brilhante tríade: Rousseau – Pestalozzi – Rivail.

(Grandes Espíritos do Brasil – Zêus Wantuil – pag. 24-25)

“A educação das crianças em idade escolar interessava-o mais que a cura das doenças físicas”.

(Vida e Obra de ALLAN KARDEC – Andre’ Moreil – pag.33)

“A educação é a obra da minha vida, e todos os meus instantes são dedicados a essa matéria”.

(Vida e Obra de ALLAN KARDEC – Andre’ Moreil – pag. 42)

Responsável: Fábio Amaral

PESTALOZZI

Seu nome é João Pestalozzi, nasceu em Zurique, Suíça, em 1746. Faleceu em 1827. Influenciou profundamente a educação; ele fez uma grande adaptação na educação pública. Leu o Emílio, de Rousseau, quando era estudante. Ficou com o sentimento de que a educação podia elevar os homens.

Ninguém acreditou mais que Pestalozzi no poder da educação para aperfeiçoar o indivíduo e a sociedade com o seu entusiasmo, influenciou reis e governantes a pensarem na educação do povo.

Em 1782, expressou as suas idéias no seu primeiro livro: Leonardo e Gertrudes; que retrata uma pobre e mesquinha aldeia suíça. Gertrudes, moradora de uma aldeia, atua com os seus filhos e os vizinhos nas artes domésticas, industriais, leitura, escrita, aritmética e outros



estudos. Importantes figuras da época leram Leonardo e Gertrudes, mas não o consideraram como um tratado educacional.

Em 1792, Pestalozzi escreve o seu livro mais erudito: *Minhas investigações sobre o curso da Natureza no desenvolvimento da raça humana*. A obra é recebida sem entusiasmo. Pestalozzi decide ser mestre-escola. E parte para um trabalho na sua escola. O lar era para ele a melhor instituição de educação, base para a formação política, moral e religiosa. E a instituição

educacional deveria se aproximar de uma casa bem organizada.

Na instituição de Pestalozzi, que contava com meninos e jovens, mestres e alunos permaneciam juntos o dia inteiro, dormindo em quartos comuns. O dia escolar era intenso e variado: rezavam, tomavam banho e faziam o desjejum, faziam as primeiras lições, havendo sempre um curto intervalo entre as mesmas. Almoçavam, brincavam e recomeçavam as aulas. Das 8 às 17 horas, as atividades, organizadas, eram desenvolvidas de maneira flexível. Duas tardes por semana eram livres ou os alunos faziam excursões. A organização da escola era simples, sendo que ficavam numa turma os que tinham menos de oito anos; e em outra, a classe inferior, ficavam os meninos de oito a onze anos e na superior, os de onze a dezoito anos.

Pestalozzi condenava a punição, as recompensas e punições. Problemas disciplinares eram discutidos, à noite.

Enquanto Pestalozzi introduzia tantas reformas educacionais, a Igreja, que controlava todas as escolas na época, não se preocupava em melhorar o seu padrão de qualidade. A situação que reinava era a seguinte: dava-se à memória um enorme valor, os professores não possuíam habilitação, as classes privilegiadas desprezavam o povo; os prédios escolares eram pouquíssimos.

A prática pedagógica de Pestalozzi sempre valorizou o ideal do educador, isto é, a educação poderia mudar a terrível condição de vida do povo.

A revolução suíça (1799) havia liberado a classe desprotegida e, segundo Pestalozzi, somente a educação poderá contribuir para que o povo conservasse os direitos conquistados.

Para Pestalozzi, o desenvolvimento é orgânico, sendo que a criança se desenvolve por leis definidas; os poderes infantis brotam de dentro para fora; os poderes inatos, uma vez despertados, lutam para se desenvolver até a maturidade; a graduação deve ser respeitada; o método deve seguir a natureza; o professor é comparado ao jardineiro que providencia as condições para a planta crescer; a educação sensorial é fundamental e os sentidos devem estar em contato direto com os objetos; a mente é ativa.

Frederick Eby resume com clareza os princípios educacionais de Pestalozzi, relacionados a seguir:



- "1) Pestalozzi tinha uma fé indomável e contagiante na educação com o meio supremo para o aperfeiçoamento individual e social. Seu entusiasmo obrigou reis e governantes a se interessarem pela educação das crianças dos casebres. Democratizou a educação, proclamando ser o direito absoluto de toda criança ter plenamente desenvolvidos os poderes que Deus lhe havia dado.
- 2) Psicologizou a educação. Quando não havia ciência psicológica digna desse nome, e embora ele próprio tivesse apenas as mais vagas noções sobre a natureza da mente humana, Pestalozzi viu claramente que uma teoria e uma prática corretas de educação deviam ser baseadas numa tal ciência.
- 3) Foi o primeiro a tentar fundamentar a educação no desenvolvimento orgânico mais que a transmissão de idéias.
- 4) Pesquisou as leis fundamentais do desenvolvimento.
- 5) A educação começa com a percepção de objetos concretos, o desempenho de ações concretas e experiência de respostas emocionais reais (...).
- 6) O desenvolvimento é uma aquisição gradativa de poder. Cada forma de instrução deve progredir de modo lento e gradativo.
- 7) A religião é mais profunda do que dogmas, ou credos, ou a memorização do catecismo ou das Escrituras. Pestalozzi exigia que os sentimentos religiosos fossem despertados antes que palavras ou símbolos viessem a ser levados à criança.
- 8) Vários recursos metodológicos novos devem sua origem a Pestalozzi. Empregava as letras do alfabeto presas a cartões e introduziu lousas e lápis. A inovação mais importante foi a da instrução simultânea, ou em classe. Isso não era novo, mas não havia sido posto em prática de um modo generalizado.
- 9) Pestalozzi revolucionou a disciplina, baseando-a na boa vontade recíproca e na cooperação entre aluno e professor.
- 10) Deu novo impulso à formação de professores e ao estudo da educação como uma ciência".